

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JULIANO DA COSTA VALCARENGUI

**ESTADOS UNIDOS E COREIA DO SUL EM PERSPECTIVA:
O MOVIMENTO DE GWANGJU E A BUSCA POR DEMOCRACIA NA DÉCADA DE
1980**

ERECHIM

2022

JULIANO DA COSTA VALCARENGUI

**ESTADOS UNIDOS E COREIA DO SUL EM PERSPECTIVA:
O MOVIMENTO DE GWANGJU E A BUSCA POR DEMOCRACIA NA DÉCADA DE
1980**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza

Coorientador: Prof. Dr. Murillo Dias Winter

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Valcarengui, Juliano da Costa
ESTADOS UNIDOS E COREIA DO SUL EM PERSPECTIVA: O
MOVIMENTO DE GWANGJU E A BUSCA POR DEMOCRACIA NA DÉCADA
DE 1980 / Juliano da Costa Valcarengui. -- 2022.
60 f.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de
Souza

Co-orientador: Prof. Dr. Murillo Dias Winter
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim,RS, 2022.

1. Estados Unidos. 2. Gwangju. 3. Coreia do Sul. I.
Souza, Fábio Francisco Feltrin de, orient. II. Winter,
Murillo Dias, co-orient. III. Universidade Federal da
Fronteira Sul. IV. Título.

JULIANO DA COSTA VALCARENGUI

**ESTADOS UNIDOS E COREIA DO SUL EM PERSPECTIVA:
O MOVIMENTO DE GWANGJU E A BUSCA POR DEMOCRACIA NA DÉCADA DE
1980**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciado em História da
Universidade Federal da Fronteira Sul

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em: 03/10/2022

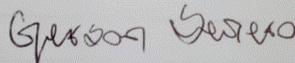
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Murillo Dias Winter
Coorientador



Prof.^a Dr.^a Caroline Rippe de Mello Klein
Presidente da Banca



Prof. Dr. Gerson Egas Severo
Membro



Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga
Membro

Dedico este trabalho a todos aqueles que perderam suas vidas ao longo do século XX lutando pela democracia pelo mundo. Que seus sacrifícios jamais sejam esquecidos.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a minha família, em especial minha mãe e meu padrasto, que tiveram toda a paciência do mundo ao longo de meus cinco anos de graduação, me apoiando de suas maneiras. Também agradeço a minha vó, por toda a ajuda que me deu e seu apoio para que eu pudesse concluir meus estudos. Ao meu irmão, que de longe também me deu suporte, agradeço.

Agradeço também aos meus anjos da guarda, Júlia, Mayara e Carol, que quando eu estive em o pior momento de minha vida, me buscaram do fundo do poço e me ajudaram a seguir em frente. Sem vocês, talvez eu não estivesse aqui ou feito este trabalho. A minha namorada Larissa, que em um ano se mostrou pronta para me apoiar e me ajudar a seguir firme, ficando ao meu lado quando eu precisei – tendo muita paciência para lidar comigo durante os dias horríveis da construção deste trabalho. Cabe um agradecimento também a minha terapeuta Dyana, pelo trabalho que teve comigo, mas que no fim, me ajudou muito.

Aos meus amigos de longa data, Bruno, Pablo, Jenifer e Vinicius, que tiveram que aguentar as minhas mudanças e transformações ao longo desses anos todos, me apoiando e tendo paciência o bastante para seguir comigo. Agradeço a eles pela amizade e pelo companheirismo de sempre.

E por fim, agradeço aos professores da UFFS que passaram por mim durante a graduação, em especial aos meus orientadores Fábio Feltrin e Murillo Winter, que aguentaram minhas demoras e enrolações, me ajudando e sendo solícito quando tive dificuldades.

O que se tornou de seus braços e pernas em movimento.
E repletos de cicatrizes em seus corpos machucados com a bandeira nacional coreana.
Por você, eu também incendiarei a sua vontade.
Pelo meu *hyung*, eu recitarei infinitamente a história ferida da Coreia.
(D-Town, 518-062).

RESUMO

O presente trabalho discutirá as relações entre Estados Unidos e República da Coreia ao longo do período da Guerra Fria entre 1945 e 1987 o Movimento Democrático de Gwangju de 1980, sendo este um dos mais importantes eventos na história da Coreia do Sul durante o século XX e o processo de redemocratização do país. Esta investigação tem como base o periódico estadunidense *The New York Times* e tem como objetivo compreender as relações entre as duas nações e como estas foram representadas pela imprensa americana, além de analisar as razões para o crescimento de um sentimento antiamericano entre a população sul-coreana nos anos 1980. Constatamos a partir de uma análise que o massacre estava inserido em um contexto mais amplo, o da Guerra Fria, onde os Estados Unidos em sua luta contra a influência soviética, interferiu na política de países como a Coreia do Sul. Como veremos com a análise das edições do *The New York Times*, a imagem dos Estados Unidos sofreu desgaste junto a população sul-coreana por sua proximidade com os diferentes governos autoritários do país e sua posição conivente no massacre de civis em Gwangju em 1980. Após as mobilizações de 1987, o governo de Chun Doo-Hwan acatou os pedidos da sociedade civil e no fim do mesmo ano a Coreia do Sul teve suas primeiras eleições para presidente livres desde 1960.

Palavras-chave: Estados Unidos; Gwangju; Coreia do Sul.

ABSTRACT

The present work will discuss the relations among the United States of America and the Republic of Korea during the period called Cold War between 1945 and 1987, and the Gwangju Uprising of 1980, this being one of the most important events in the history of South Korea over the 20th century and its democratization process. This bibliographic research uses the American newspaper The New York Times as base and have as goal understand the relations among the two nations and how they have been represented by the American press, and analyze the reasons for the growth of an anti-American sentiment between the south-korean population during the 1980's. We have observed in our analysis that the massacre was inserted in a broader context, the one of the Cold War, where the United States, in its fight against the soviet influence, interfered on the politics of countries like South Korea. We also noted with our analysis of the editions of The New York Times, that the image of the United States suffered wear among the south Korean people because of its proximity with the authoritarian governments of the country, and its conniving position during the massacre of civilians in Gwangju in 1980. After the protests of 1987, the government of Chun Doo-Han accepted the demands of the civil society, and at the end of the same year, South Korea had its first free presidential elections since 1960.

Keywords: Estados Unidos; Gwangju; Coreia do Sul.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA	Estados Unidos da América.
KCIA	Korean Central Intelligence Agency.
ONU	Organização das Nações Unidas.
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo.
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REPÚBLICA DA COREIA E ESTADOS UNIDOS EM CONTEXTO: A GUERRA FRIA DE 1945 A 1980	16
2.1	O MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE GWANGJU.....	16
2.2	O CONTEXTO GLOBAL: A GUERRA FRIA DE 1945 ATÉ 1980	23
3	ESTADOS UNIDOS E COREIA PÓS-GWANGJU: A REDEMOCRATIZAÇÃO SOB OS OLHOS DA IMPRENSA ESTADUNIDENSE.....	39
3.1	1980-1987 NOS ESTADOS UNIDOS E NA COREIA DO SUL.....	39
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	FONTES	58
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

1 INTRODUÇÃO

“Os sul-coreanos ainda não estão prontos para a democracia, [...] de acordo com seu próprio julgamento”¹. As palavras acima, proferidas por Jimmy Carter, presidente dos Estados Unidos da América entre 1977 e 1980, em uma entrevista para o *The New York Times*, são uma amostra da forma com que o governo estadunidense via a situação política na República da Coreia em 1980.

Buscamos neste trabalho compreender as relações entre Estados Unidos e Coreia do Sul dentro do contexto amplo da Guerra Fria e como esta relação influenciou a conjuntura política sul coreana durante a década de 1980. Usando como fonte o jornal estadunidense *The New York Times* buscaremos entender as relações entre os dois países e como foram representadas na imprensa dos Estados Unidos, além de compreender as razões para o crescimento de um sentimento antiamericanista entre a população sul-coreana e a importância do Movimento Democrático de Gwangju neste contexto.

Deste modo, como hipótese argumentamos que a política externa estadunidense durante o período da Guerra Fria, com foco na contenção da influência soviética, era parte importante do processo de legitimação dos governos sul-coreanos, que dependiam do apoio militar e financeiro. A proximidade dos Estados Unidos dos sucessivos regimes autoritários na Coreia do Sul deteriorou a imagem americana com a população do país, que passou a ver este não mais como um aliado, mas como um inimigo contra as suas aspirações democráticas.

Justificamos este trabalho ao afirmar que o Movimento Democrático de Gwangju é um dos mais importantes eventos da história moderna da Coreia, relevante para todo o processo de democratização do país iniciado nos anos 1980. A própria Coreia do Sul é um dos países de maior destaque na contemporaneidade. Sua influência cultural, apelidada de onda coreana é sentida nos vários meios do entretenimento, como cinema – com filmes como *Parasite*, indicado ao Oscar - e música – com grupos como *BTS* -, além de sua grande importância econômica, sendo berço de grandes empresas internacionais, como a montadora *Hyundai* e a empresa de tecnologia *Samsung*.

Os Estados Unidos são uma das superpotências do mundo. A nação norte-americana tem laços com a República da Coreia desde o término da Segunda Guerra Mundial em 1945, e

¹ CUMINGS, Bruce. Introduction. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 25

“[...] the President told the *New York Times* that “the Koreans are not ready for democracy. . . according to their own judgment.”.

a subsequente expulsão do Império do Japão da península coreana. Os dois países permanecem ligados desde então, sendo grandes aliados contra a Coreia do Norte, uma ameaça aos interesses estadunidenses na Ásia. Tamanha é a importância das relações entre as duas nações que os Estados Unidos mantêm tropas estacionadas na nação sul-coreana.

Dessa forma, dada a relevância dos dois países no cenário global atual e a proximidade histórica das duas nações, estudar as relações – em um contexto tão importante como o de 1980 - entre Estados Unidos e Coreia do Sul é uma necessidade. Também se faz necessário este trabalho para suprir uma visível lacuna na historiografia brasileira. Nota-se uma ausência de produções em língua portuguesa que abordem não só a relação entre Estados Unidos e Coreia do Sul no campo político, mas como a própria história do país asiático e seus respectivos acontecimentos.

Desde a ótica da história política é que buscaremos compreender as relações entre Estados Unidos e Coreia do Sul durante a década de 1980, fazendo uso da imprensa como fonte. A partir da história política, podemos responder como os governos envolvidos e os agentes das duas nações se comportaram no período, entendendo também a relação dos dois países no jogo de poder das relações internacionais, com foco na política externa americana para a República da Coreia dentro da conjuntura da Guerra Fria.

A história política teve seu apogeu durante o momento de estabelecimento da “História” como disciplina acadêmica, ainda no século XIX. Grande parte dos historiadores do período buscavam as origens da nação e das nacionalidades. Fazendo uso principalmente de documentos governamentais e de instituições em geral, a história escrita por estes historiadores, segundo René Remond em “Por uma história política”, acabou por representar a narrativa do poder e dos indivíduos que deste faziam uso². Este modelo foi o vigente até aproximadamente a segunda década do século XX, quando o movimento francês dos *Annales* – entre outros movimentos - passou a questionar os métodos e objetivos propostos pelos historiadores ditos “tradicionais”, ligados a história política.

Sob a ótica dos *Annales*, a história deveria se preocupar com os aspectos sociais e econômicos das sociedades, incluindo grupos antes segregados longe do poder à narrativa da história. Diante desses novos paradigmas, a história de indivíduos e dos acontecimentos que os cercavam deram lugar a uma história coletiva, que buscava as origens em processos de longa

² REMOND, René. Uma História presente. In: REMOND, René (Org.). **Por uma história política**, 2003, p. 15. “Durante séculos, a chamada história política - a do Estado, do poder e das disputas por sua conquista ou conservação, das instituições em que ele se concentrava, das revoluções que o transformavam - desfrutou junto aos historiadores de um prestígio inigualado devido a uma convergência de fatores.”.

duração. Os estudos dos processos políticos deram lugar as pesquisas sobre, segundo René Remond³, ao das “[...] relações de forças sociais [...]”, já que estas relações precederiam as próprias escolhas políticas. O modelo dos *Annales* era totalmente diferente do da história política até então⁴. Posteriormente, no século XX outros movimentos - como a história cultural e a micro história - incluíram os estudos culturais e do cotidiano, entre outros, cada vez mais preocupados com a inserção dos antes excluídos da história no estudo da disciplina.

Sendo delegada a um estatuto inferior por ter métodos e proposições antiquadas para as perguntas e necessidades da modernidade, a história política entrou em decadência. Entretanto, uma leva de historiadores franceses, como René Remond e Pierre Rosanvallon, acabaram por se comprometer a renovar os estudos sobre história política, modernizando-os e adaptando-os aos anseios da contemporaneidade. Para a professora Marieta de Moraes Ferreira, a Nova História Política não se resume simplesmente ao estudo de “[...] partidos, eleições, guerras ou biografias”, mas de uma amplitude de novos temas – que podem incluir estes mesmos citados acima -, buscando a análise variados objetos, como “[...] como a opinião pública, a mídia ou o discurso”, antes não utilizados pela História política⁵.

Sendo assim, os estudos da nova história política não descartam os avanços da história dos *Annales* ou de outras escolas historiográficas que surgiram. Mas sim acaba por assimilar os variados princípios e abordagens desses movimentos, usando-os na elaboração de novas problemáticas e análises sobre os temas propostos⁶.

³ REMOND, René. Uma História presente. In: REMOND, René (Org.). **Por uma história política**, 2003, p. 16. “[...] a nova história considerava as estruturas duráveis mais reais e determinantes que os acidentes de conjuntura. Seus pressupostos eram que os comportamentos coletivos tinham mais importância para o curso da história que as iniciativas individuais, que os fenômenos registrados numa longa duração eram mais significativos e mais decisivos que os movimentos de fraca amplitude, e que as realidades do trabalho, da produção, das trocas, o estado das técnicas, as mudanças da tecnologia e as relações sociais daí resultantes tinham mais conseqüências, e portanto deviam reter maior atenção dos observadores, que os regimes políticos ou as mudanças na identidade dos detentores de um poder cujas decisões, segundo se entendia, só faziam traduzir o estado da relação das forças sociais, ou refletir realidades anteriores às escolhas políticas.”

⁴ REMOND, René. Uma História presente. In: REMOND, René (Org.). **Por uma história política**, 2003, p. 16. “Ora, a história política apresentava uma configuração que era exatamente contrária a essa história ideal.”

⁵ FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: REMOND, Rene (Org.). **Por uma história política**, 2003, p. 7.

“Ao se ocupar do estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, mesmo os mais modestos, perdendo assim seu caráter elitista e individualista e elegendo as massas como seu objeto central. Seu interesse não está voltado para a curta duração, mas para uma pluralidade de ritmos, em que se combinam o instantâneo e o extremamente lento. E na longa duração que se irá buscar a história das formações políticas e das ideologias, ou seja, a cultura política, que por sua vez servirá à reflexão sobre os fenômenos políticos, permitindo detectar as continuidades no tempo. Finalmente, a história política também dispõe de grandes massas documentais passíveis de quantificação, tais como dados eleitorais e partidários, para citar os mais expressivos.”

⁶ REMOND, René. Uma História presente. In: REMOND, René (Org.). **Por uma história política**, 2003, p. 29. “[...] a história política deve bastante às trocas com outras disciplinas: sociologia, direito público, psicologia social, e mesmo psicanálise, lingüística, matemática, informática, cartografia e outras de que esqueço. [...] A umas, a história política pediu emprestadas técnicas de pesquisa ou de tratamento, a outras, conceitos, um vocabulário, uma problemática; às vezes pediu uma e outra coisa às mesmas disciplinas, [...]”.

A utilização de periódicos como fonte documental é um processo recente nos estudos históricos. Durante grande parte do século XIX e XX, os historiadores (as), muito ligados a uma visão tradicional, encaravam jornais e revistas como fontes não seguras, pois consideravam que as fontes deveriam seguir uma série de pré-requisitos. Segundo Tânia de Luca em “Fontes Históricas”, para esses historiadores os documentos eram avaliados por sua “[...] objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo”⁷.

Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. Com o passar do século XX e o surgimento de novas linhas de pensamento e escolas historiográficas, as preocupações e perguntas dos historiadores mudaram. Deixando de lado temas mais tradicionais e as abordagens economicistas, a historiografia passou a se debruçar sobre novas temáticas, abordando temas como o cotidiano, as mentalidades, as minorias, e outros elementos culturais, para citar alguns. Sob essa nova ótica, uma nova visão sobre as fontes também passou a ser adotada, levando os historiadores (as) a fazer uso de uma gama mais abrangente de documentos, o que passou a incluir periódicos.

Este trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro deles, se chama “República da Coreia e Estados Unidos em contexto: A Guerra Fria de 1945 a 1980”, onde buscamos explicar o Movimento Democrático de Gwangju, ocorrido em 1980 que marca a história contemporânea da Coreia do Sul, e posteriormente trabalharemos sobre a conjuntura da Guerra Fria ao qual este evento estava inserido. Partimos o nosso estudo sobre a Guerra Fria a partir de 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a liberação da península coreana do Império do Japão.

No segundo capítulo, chamado de “Estados Unidos e Coreia Pós-Gwangju: A redemocratização sob os olhos da imprensa estadunidense”, trabalharemos os anos de 1980 até 1987 nos dois países, com foco na análise do periódico *The New York Times* e como este se

⁷ LUCA, Tania Regina de História dos, nós e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2a edição. São Paulo: Contexto, 2006. p. 112.

“Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas.”.

posicionava no que se refere a relação de Estados Unidos e República da Coreia, além de compreendermos o crescente antiamericanismo no país a partir dos posicionamentos do jornal.

2 REPÚBLICA DA COREIA E ESTADOS UNIDOS EM CONTEXTO: A GUERRA FRIA DE 1945 A 1980

Neste capítulo, abordaremos o Movimento Democrático de Gwangju, ocorrido no ano de 1980 na Coreia do Sul e, subsequentemente, trabalharemos a Guerra Fria de 1945 a 1980. Decidimos por começar por um enfoque particular antes de partirmos para um geral, explicitando a diferença de visões sobre o período histórico: Para a Coreia do Sul, o olhar para a Guerra Fria parte dos acontecimentos em Gwangju, por se tratar de um evento específico que marcou profundamente o país. Para os Estados Unidos, o olhar para Gwangju parte da Guerra Fria, já que a sua disputa com a União Soviética monopolizava as atenções quando se tratava de política externa. Examinaremos as causas do Movimento e como ele ocorreu, o apresentando como efeito de um contexto maior, a Guerra Fria.

2.1 O MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE GWANGJU

A crise do petróleo, iniciada em 1973 e agravada em 1979, arrastava a economia global para uma recessão, trouxe uma redução brusca nas exportações, desacelerando bruscamente o crescimento econômico da República da Coreia. Com a população indo às ruas, protestando insatisfeita com a situação econômica, somada ao incômodo pelas seguidas décadas de autoritarismo desde os anos 1940, o país mergulha de cabeça na instabilidade.

As mobilizações populares, somadas ao clima de incerteza na economia trouxeram ao governo de Park Chung-hee, presidente desde 1961, uma instabilidade que não havia sido enfrentada por ele desde o começo de sua regência. Os movimentos foram reprimidos com gana pelas forças governamentais, mas a instabilidade política permaneceu.

Lee Hyunji⁸ em *The Gwangju Uprising: A movement, a memory, a myth of modern South Korea* afirma que o caos político se agravou quando em outubro de 1979, em um jantar

⁸ HYUNJI, Lee. *The May 18th Democratic Uprising*. In: *The Gwnagju Uprising: A Movement, A Memory, A Myth of modern South Korea*. 2012. pg. 10.

“On October 26, 1979, President Park Chung-Hee, his chief bodyguard Cha Ji-Cheol, and the chief of Korean Central Intelligence Agency (KCIA) Kim Jae-Gyu were having a serious conversation over dinner. The southeastern cities of Busan and Masan were leading popular protests against the government and President Park’s dictatorial rule, asking that the president step down and end the oppressive grip the government had on the freedom of its citizens. During the dinner, Kim shot both Cha and President Park, which brought an end to the Fourth Republic of Korea and heralded in the Fifth Republic. Although the Prime Minister Choi Gyu-Ha became the president immediately following Park’s assassination in October, the country experienced a period of uncertainty and political instability from the power vacuum left by the sudden end of Park’s eighteen-year regime.”

privado com Kim Jae-kyu - diretor da KCIA⁹ na época -, o presidente Chung-hee foi assassinado e seguindo a constituição do país, o primeiro-ministro Choi Kyu-hah assumiu a presidência interinamente.

Em um cenário de incerteza após a morte de Park – considerando que a sua regência durou quase duas décadas e não havia um plano sucessório estabelecido - os protestos por eleições diretas e um processo democrático ganharam mais força. O cenário das manifestações foi auxiliado por medidas do novo governo, que acabaram por libertar presos políticos, além de aliviar a censura sobre a imprensa sul coreana. Lee Chaejin, em “*A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*”, que as políticas liberais renderam elogios do governo estadunidense, que parabenizou, por meio da embaixada no país, as medidas do presidente Choi¹⁰.

Contudo, aproveitando o vácuo de poder deixado pelo assassinato do presidente Park e com a falta de poder político de Choi Kyu-hah, dois generais do exército, Chun Doo-hwan e Roh Tae-woo articularam um golpe de estado em 12 de dezembro de 1979, aprisionando opositores de grupos rivais do exército sul coreano, dando-lhes poder sobre as forças armadas¹¹. Nesse contexto, Chun Doo-hwan passa a ser o líder de fato da República da Coreia, ainda que Choi Kyu-hah tenha sido empossado presidente oficialmente em 21 de dezembro de 1979¹².

Os Estados Unidos observavam a situação com preocupação. O receio se baseava na ideia de que a situação política na Coreia do Sul pudesse enfraquecer o país, deixando-o suscetível a uma invasão militar da Coreia do Norte¹³. Além disso, os americanos entendiam a Coreia como um importante parceiro comercial e militar na região do nordeste asiático que, em um contexto de Guerra Fria, era essencial para suprir os interesses estadunidenses em contraponto as possíveis “ameaças” soviéticas.

⁹ Korean Central Intelligence Agency, Agência Central Coreana de Inteligência.

¹⁰ CHAE-JIN, Lee. *Political Crisis in South Korea*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 103.

“*The United States applauded Choi’s decisions to lift Emergency Measure 9, to release political prisoners, to ease press censorship, and to allow democratic political discourse.*”

¹¹ CHAE-JIN, Lee. *Political Crisis in South Korea*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 104.

“*[...] the coup d’état on December 12, 1979, engineered by Major General Chun Doo Hwan, commander of the Defense Security Command, which was in charge of the inquiry into Park’s death. He led a group of “Young Turks” who belonged to a secret military faction called Hanahoe (One Association) against another group of senior military officers headed by General Chung Seung Hwa, Army chief of staff and martial law commander; Chung was arrested on the unsubstantiated charge of involvement in the assassination of President Park. The Chun group disregarded both the South Korean army command and the CFC command when it moved some military units, including the Ninth Army Division commanded by General Roh Tae Woo, to Seoul [...].*”

¹² CHAE-JIN, Lee. *Political Crisis in South Korea*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 124.

¹³ CUMINGS, Bruce. *Introduction*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 24.

“*Worried instead about internal political disintegration and the military threat from North Korea [...].*”

O interesse americano em acabar com a instabilidade política trazida pelos protestos populares e a incerteza pela falta de liderança, era reforçado nas várias conversas que os representantes da embaixada americana em Seul tiveram com os membros do golpe militar¹⁴. Integrantes do governo dos Estados Unidos constantemente demonstravam preocupação no pedido pelo retorno da “ordem social e política” ao país, salientando muitas vezes receio com o surgimento de um possível sentimento antiamericano¹⁵.

A crise política estabelecida pela morte de Park Chung-hee se manteve nos primeiros meses de 1980. Em maio, em meio a uma lei marcial que afetava grande parte do país, protestos tomaram conta de diversas das grandes cidades do país, como a capital Seul e Gwangju, no sul da península. Em 14 de maio de 1980, estudantes das universidades *Chonnam* e *Chosun* de Gwangju, maior cidade da província de Jeolla do Sul, iniciaram mobilizações nos *campi* de suas instituições. Após a polícia cercar as universidades, as manifestações começaram a se espalhar pelo resto da cidade, principalmente no centro. Segundo Lee Jaeui em “*Gwangju Diary – Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*”, os estudantes, após tomarem a praça junto ao prédio da administração da província de Jeolla do Sul – Gwangju é a capital da província -, começaram a manifestar os pedidos pelo fim da lei marcial e pela aceleração do processo de democratização do país¹⁶.

Nos quatro dias que se seguiram, as mobilizações de estudantes na ganharam força. Mesmo que em 15 de maio, os organizadores das mobilizações em Seul tivessem encerrado seus protestos, os líderes em Gwangju mantiveram as manifestações planejadas. No dia 16, aniversário do golpe de estado que levou Park Chung-hee ao poder em 1961, cerca de dezesseis mil manifestantes tomaram as ruas da cidade¹⁷. Utilizando-se de tochas, os estudantes se

¹⁴ JAE-EUI, Lee. *Chapter II: Open Rebellion*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 79.

"By 8:00 p.m. on May 21, the rebels had finally driven the paratroopers out of the city. "

¹⁵ CHAE-JIN, Lee. *Political Crisis in South Korea*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 103.

"At this time of political confusion and uncertainty in South Korea, Gleysteen made the following recommendation to the Carter administration on October 28: "I urge that we resist the temptation to suggest architectural designs to the Koreans in favor of: (A) providing reassurance against the threat from the north, (B) urging the observance of 'constitutional processes' and (C) gently working through all channels toward political liberalization. We should avoid critical public comment or punishing actions unless and until the new regime has blotted its copybook. [...]. Finally, we should remember that we could easily provoke a very unhealthy anti-American reaction if we press too hard, too crassly, and too soon for structural change in the ROK."

¹⁶ JAE-EUI, Lee. *Chapter I: The Uprising Begins*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 37.

"By May 15 [...] some sixteen thousand students from Chonnam University, Chosun University, and Kwangju Teachers' College staged a sit-in around the fountain of Province Hall Square. They demanded an end to martial law. Sympathetic professors at Chonnam University wore ribbons handed out by the student union."

¹⁷ JAE-EUI, Lee. *Chapter I: The Uprising Begins*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 38.

dirigiram para a praça junto ao prédio da administração provincial. De forma pacífica, queimaram símbolos que remetiam ao golpe de maio de 1961, enquanto observados pela população da cidade. As lideranças, após o fim das manifestações, planejaram o retorno dos protestos para 19 de maio, aguardando então os desdobramentos que pudessem ocorrer na cena política nacional.

No dia seguinte, em reação aos protestos estudantis que tinham ocorrido em várias partes do país, a partir das ordens de comandantes militares, sob a liderança de Chun Doo-hwan, a lei marcial passou a ser estendida para todo o território nacional. Além disso, foi ordenada a prisão de diversos líderes políticos e estudantis, dissidentes e governistas por todo o país¹⁸.

Na manhã do dia 18, os prédios do governo provincial e o centro da cidade de Gwangju estavam ocupados por paraquedistas – que desde a noite do dia 16 estavam nas proximidades da cidade – e pela polícia. Os estudantes se reuniram na Universidade Chonan pela manhã. Depois de serem dispersados violentamente por militares, fugiram para a estação de trem da cidade, onde mais pessoas passaram a acompanhar as manifestações.¹⁹ Marchando em direção a praça em frente ao prédio da administração provincial, os estudantes ecoavam em seus gritos não só pedidos por mudanças, mas novidades que talvez muitos dos habitantes da cidade ainda não tinham notícia. Kim Dae-jung, um importante líder político da região, tinha sido um dos aprisionados no dia anterior.

Em pouco número, os estudantes não conseguiram resistir a polícia, que em maioria, disparou granadas de gás lacrimogênio e dispersou as mobilizações. A população pelas calçadas acompanhou, enquanto os jovens eram agredidos e dispersados pelos policiais, sem nesse momento tomar partido nas manifestações.²⁰ Os estudantes conseguiram mudar a forma de se organizar durante os protestos, ganhando apoio da população. Estações de polícia foram queimadas, prédios da administração pública depredados e um ônibus cheio de policiais da força de choque foi rendido.

¹⁸ HYUNJI, Lee. *The May 18th Democratic Uprising*. In: *The Gwnagju Uprising: A Movement, A Memory, A Myth of modern South Korea*. 2012. pg. 12.

"[...] in the morning of May 17, military commanders and Chun decided to expand and enforce martial law nationally in reaction to the growing student protests across the country, which set in motion the imprisonment of hundreds of political dissidents by the end of the day."

¹⁹ JAE-EUI, Lee. *Chapter I: The Uprising Begins*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 42-43.

²⁰ JAE-EUI, Lee. *Chapter I: The Uprising Begins*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 43.

"The students called out, encouraging them to take a stand, and though most of the spectators were depressed and angry, they dared not join the sit-in."

Próximo ao início da noite, no entanto, o cenário mudou novamente. Com o apoio da polícia, os paraquedistas começaram a atacar deliberadamente os manifestantes. Atacando-os individualmente, os soldados não faziam mais distinção entre estudantes ou não, todos eram agredidos muitas vezes até a morte²¹ Os paraquedistas destroçaram qualquer sinal de resistência nas ruas, agredindo e aprisionando qualquer pessoa que julgassem ser um estudante ou que tivesse tido participação nas mobilizações. Vasculharam estabelecimentos comerciais, prédios e casas atrás de qualquer pessoa com essas características. A noite, o Comando da Lei Marcial de Jeolla do Sul anunciou um toque de recolher que se iniciava às nove da noite, e ordenava que os cidadãos ficassem em casa.²²

Durante a manhã do dia 19, a população da cidade passou a lentamente tomar as ruas novamente. Enquanto militares ocupavam o centro, rumores passavam de boca a boca, bairro a bairro, afirmando que os paraquedistas iriam matar os habitantes da cidade. A perturbação com os acontecimentos do dia anterior levou centenas às ruas, que dessa vez, ao invés de fugir da polícia quando esta tentou dispersar as manifestações, os manifestantes se reagrupavam e contra-atacaram²³ Os militares responderam à iniciativa com violência exacerbada, chocando a população da cidade. Mais e mais os habitantes tomaram as ruas, apoiando aqueles que já estavam em luta contra a polícia e os paraquedistas. Coquetéis Molotov, barricadas improvisadas, pedaços de pedra e pau, tudo era adaptado e se tornavam armas nas mãos dos manifestantes que lutavam pelas ruas.

No início da noite, chuva começou a cair sobre Gwangju. Muitos moradores acabaram por permanecer em casa, e o período noturno foi de relativa tranquilidade na cidade. Até o fim do dia, a Sétima Brigada Especial dos paraquedistas foi evacuada de Gwangju, dando lugar à Terceira e Décima Primeira. Na manhã seguinte, após o fim da chuva, a população voltou a sair às ruas. As tropas tiveram tempo de reforçar defesas e estabelecer pontos de controle em várias

²¹ JAE-EUI, Lee. *Chapter I: The Uprising Begins*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 47.

“Onlookers were shocked as the troops continued to pile the students—young and old, male and female; some kicking and screaming, most barely able to move—into the trucks. The soldiers kicked and swung their batons arbitrarily, cutting through the mass of bodies.”

²² JAE-EUI, Lee. *Chapter I: The Uprising Begins*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 50.

“President Choi Kyu Ha issued a statement at 4:30 p.m. on May 18. He imposed total martial law, warning that the unrest would shake the country to its foundations if allowed to continue.”

²³ JAE-EUI, Lee. *Chapter I: The Uprising Begins*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 52.

avenidas e pontes. Ao longo do dia, os confrontos entre os militares e os civis se intensificaram, conforme os números dos manifestantes continuavam a crescer.²⁴

Quando já era madrugada, a cidade estava transformada uma zona de guerra. Os manifestantes haviam atado fogo na sede local da emissora de televisão K.B.S, a Agência de Supervisão do Trabalho, carros na Praça da Província e na frente da principal estação de trem. Foram destruídos a estação de TV da M.B.C, o estacionamento do prédio da administração da província, a Agência de Impostos de Gwangju e cerca de dezesseis estações de polícia.²⁵

Depois dos acontecimentos do dia 20, as lutas escalaram: os confrontos se intensificaram a ponto de que pela manhã, as tropas militares abriram fogo contra manifestantes em uma das principais avenidas da cidade. Horas antes, lideranças rebeldes tinham enviado uma carta contendo exigências ao governador da província, mas nenhuma resposta foi recebida de volta.

Conforme a violência por parte dos paraquedistas foi aumentando, os manifestantes também começaram a apelar por diferentes formas de se defender de maneira menos improvisada. Rebeldes partiram para a busca de armas de fogo e, a partir deste momento, aceleraram a expulsão das tropas militares e as forças de segurança pública. Ficava claro que o governo não mais tinha controle sobre a cidade de Gwangju.

Ao fim do quarto dia de mobilizações, a resistência dos cidadãos de Gwangju havia vencido momentaneamente a repressão das forças do estado. No entanto, a retirada dos militares foi estratégica: o governo partiu então para uma abordagem diferente, isolando a cidade do resto do país, fechando as estradas que ligavam o município, impedindo a circulação de trens e mantendo tropas nos arredores. Foi registrado que também foi utilizado de agentes infiltrados para desestabilizar o poder de resistência da população e da milícia²⁶.

O governo americano, já ciente dos acontecimentos em Gwangju, adotou uma postura defensiva, decidindo por não intervir ou se opor ao governo coreano na condução das

²⁴ JAE-EUI, Lee. *Chapter I: The Uprising Begins*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 59.

"By 3:00 p.m., tens of thousands of people filled Kūnnam Avenue. Students, clerical workers, wait staff, cooks, bar hostesses, housewives, and older people came together, moving forward, then back, finding their courage."

²⁵ JAE-EUI, Lee. *Chapter I: The Uprising Begins*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 62-65.

²⁶ JAE-EUI, Lee. *Chapter II: Open Rebellion*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 75.

"The government had decided to retreat for four reasons. First, more repression would only lead to more resistance, and unacceptable numbers of casualties on both sides. Second, the city needed to be cut off from the rest of the country to prevent the uprising from spreading. Third, the unrest in neighboring towns still lacked mass support and could be put down first. Finally, for any crackdown to be successful, the insurgents needed to be demoralized. Machinations, provocations, and counter-operations could cool the fever of revolt."

manifestações, mesmo com o uso de forças letais²⁷. Lee Samsung em “*Kwangju and America in perspective*”, explica que em 1980, as forças armadas coreanas e as tropas estadunidenses estacionadas na Península da Coreia tinham seu controle operacional comandado pelo *Combined Forces Command* (CFC). O comandante do CFC era um militar estadunidense, na época o General John A. Wickham, Jr.

De acordo com o *New York Times*²⁸, o governo sul-coreano pediu autorização ao General Wickham, Jr. para o uso de tropas da Vigésima Divisão Especial na retomada do controle de Gwangju. Esse pedido foi aceito pelo comandante, algo totalmente de acordo com a posição do governo americano, que mostrou preocupação com a situação em Gwangju durante várias ocasiões. Os líderes da rebelião em Gwangju esperavam que o governo estadunidense pudesse intervir em seu favor, seja nas negociações com a administração sul-coreana ou por meio de declarações formais de apoio. Quando o porta aviões estadunidense *Coral Sea* foi deslocado das Filipinas para a costa da península coreana, havia uma esperança entre os manifestantes de que isso poderia significar um apoio a sua causa²⁹. Entretanto, as únicas manifestações feitas pela administração Carter a respeito das mobilizações em Gwangju fizeram referência ou a pedir por “calma” para ambos os lados – manifestantes e o governo³⁰, ou para alertar a Coreia do Norte que não tentasse se utilizar da “instabilidade” causada pela resistência no sul da península para uma invasão³¹. Inclusive, foi sob a justificativa de reforçar as defesas do Sul que o porta aviões *Coral Sea* foi mobilizado para a costa, além do alerta a uma série de outras embarcações estadunidenses que estavam em Okinawa, no Japão.³²

²⁷ SHORROCK, Tim. *The view from Washington*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 160.

“[...] Gleysteen met on May 9 with Chun Doo Hwan and Choi Kwang Soo, a senior aide to the acting Korean president, Choi Kyu Ha. [...] “In none of our discussions,” Gleysteen assured Washington, “will we in any way suggest that the [U.S. government] opposes [the Korean government’s] contingency plans to maintain law and order, if absolutely necessary, by reinforcing the police with the army. If I were to suggest any complaint of this score I believe we would lose all our friends within the civilian and military leadership.”

²⁸ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 44.591, 21 de maio de 1980.

“The Pentagon disclosed that South Korea had requested that some of its ground forces be released from the combined United States-South Korean command for use in crowd control and security work. The request was granted by Gen. John A. Wickham Jr., head of the joint command, the Pentagon said.”

²⁹ JAE-EUI, Lee. *Chapter III: Gwangju! Gwangju! Gwangju!* In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 103.

“When the rebels heard that a U.S. aircraft carrier would enter the port city of Pusan, they were naively hopeful. “The U.S. is coming to help us,” people thought, “If it knows about the massacre, the U.S. government will not forgive Chun Doo Hwan and his clique!”

³⁰ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 44.593, 21 de maio de 1980.

“The United States urged the South Korean military leaders and their civilian opponents today to show maximum restraint to avoid the possibility that the trouble in the southwest part of the country might spread.”

³¹ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 44.593, 21 de maio de 1980.

“Hodding Carter 3d, the State Department spokesman, repeated Washington’s warning that it would “react strongly” to any attempt by North Korea to “exploit the situation”.

³² *The New York Times*. Nova Iorque, nº 44.593, 21 de maio de 1980.

Entre 22 e 26 de maio, as tropas sul-coreanas – incluindo as liberadas pelo General Wickhan, Jr. - sitiaram a cidade de Gwangju, impedindo o reabastecimento da cidade e a chegada de reforços para a milícia formada pelos habitantes. A capital de Jeolla do Sul nesse período foi regida por um governo provisório, estabelecido pela população local em um comitê³³. As manifestações seguiram ocorrendo com apoio massivo da população nos dias em que a cidade permaneceu isolada. Desafiando diversos avisos por parte do governo sul coreano, que alertou pelo fim da “rebelião” e pela volta da “ordem” em Gwangju, os habitantes mantiveram o apoio ao movimento, seja pela doação em massa de sangue nos hospitais, para ajudar os feridos dos confrontos com os militares, seja pela solidariedade em doar alimentos e mantimentos durante os momentos de mobilização³⁴.

No dia 27, as tropas do exército sul-coreano iniciaram a retomada da cidade³⁵, rapidamente avançando pelos bloqueios improvisados montados pela população. Ainda na madrugada, o exército adentrou o prédio do governo da província, onde se localizava o último bolsão de resistência da milícia, matando e prendendo grande parte dos rebeldes que lá estavam, encerrando o Movimento Democrático de Gwangju³⁶.

2.2 O CONTEXTO GLOBAL: A GUERRA FRIA DE 1945 ATÉ 1980

O uso das tropas da *11th Brigade* para ajudar a acabar com o Movimento foi apenas o reflexo de décadas de envolvimento estadunidense com a República da Coreia. Sendo assim, pensar o contexto global em que tanto os cidadãos de Gwangju em sua resistência, quanto

“The Defense Department said today that the aircraft carrier Coral Sea was on its way from the Philippines to waters off Korea, and that two command and control aircraft had been sent to Okinawa as a precautionary move. The planes, which serve as airborne command posts, could be used in case of trouble with North Korea.”

³³ JAE-EUI, Lee. *Chapter III: Gwangju! Gwangju! Gwangju!* In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 97.

³⁴ JAE-EUI, Lee. *Chapter III: Gwangju! Gwangju! Gwangju!* In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 117.

“Donations poured in to the Settlement Committee and the Y.W.C.A., now an activist stronghold—from religious groups and ordinary residents. At first, people had spontaneously mobilized to feed four hundred militia members and rebel leaders inside Province Hall. As the uprising dragged on, each district contributed to this effort.”

³⁵ JAE-EUI, Lee. *Chapter IV: The end of the Uprising*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 131.

³⁶ JAE-EUI, Lee. *Chapter IV: The end of the Uprising*. In: JAE-EUI, Lee (Org.). *Kwnagju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age*, 2017, p. 135.

“Come morning, the last remaining insurgent walked through a maze of bodies to surrender. The injured, and more than a hundred and fifty dead, were transported out of Gwangju. Survivors were assigned to various military prisons, according to their alleged deeds: “loitering around Province Hall,” “possessing weapons,” or “being a special member of the mob.” As they were bound and loaded into government trucks, they pictured their fallen comrades. The days and nights of Gwangju were seared into their memories, and would haunt them forever.”

Estados Unidos e República da Coreia estavam inseridos, é essencial. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria antagonizava Estados Unidos e União Soviética e seus blocos de influência. É impossível pensar quaisquer acontecimentos na península coreana sem refletir sobre este contexto. Sabendo disso, na sequência, iremos nos aprofundar nos acontecimentos da Guerra Fria e, especialmente, as posições dos Estados Unidos no período.

O fim da Segunda Guerra Mundial redesenhou completamente o mapa político do mundo. Segundo Odd Arne Westad em *The Cold War: A World History*, os antigos impérios europeus, outrora as potências mundiais, esgotados e destruídos pela Guerra, foram substituídos em importância por Estados Unidos e União Soviética, os principais vencedores do confronto³⁷. O que fazer com os territórios das nações derrotadas atraiu bastante a atenção e tomou tempo dos principais líderes Aliados durante as várias conferências realizadas no decorrer da Guerra. A Alemanha foi dividida, segundo o que ficou acordado na conferência de Yalta, em quatro zonas (Britânica, Francesa, Americana e Soviética) e Berlim, a capital, da mesma forma³⁸.

No teatro do Pacífico, no entanto, o cenário se demonstrou razoavelmente diferente. Quando o Império do Japão se rendeu aos estadunidenses em 14 de agosto de 1945, não era apenas das ilhas do arquipélago japonês, mas também os territórios conquistados que ainda estavam sob seu controle. Bruce Cumings, em *Korea's Place in the Sun: A Modern History*, afirma que a Coreia havia sido anexada como território colonial japonês ainda em 1910³⁹. De acordo com as conferências do Cairo (1943), Teerã (1943) e Yalta (1945), ficou acordado pelos líderes Aliados de que a Coreia não só não seria independente depois da derrota japonesa, como também seria guiada pelas nações vencedoras até que se julgasse que estivesse pronta para a independência e auto governança⁴⁰.

³⁷ WESTAD, Odd Arne. Tests of War. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 47. *"For much of the war, the Soviets, the British, and the Americans were allies. But the defeat of their common enemies—Germany, Italy, and Japan—meant that the conflict between Communism, led by the Soviet Union, and its opponents, led by the United States, became the new central focus of world politics. The dramatic loss in status and influence of the two main European colonial empires, first the French and then the British, led to the United States becoming by far the world's most powerful country."*

³⁸ WESTAD, Odd Arne. Europe's Asymmetries. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 94.

"After the war ended, the country and its capital, Berlin, had been divided into four zones of occupation, with the Soviets taking control of the eastern part."

³⁹ CUMINGS, Bruce. Eclipse, 1905–1945. In: CUMINGS, Bruce. **Korea's Place in the Sun: A Modern History**, 2005, p.151.

"Finally on August 29, 1910, Sunjong yielded the throne and Korea became a colony of Japan. August 29 would become the darkest day of any subsequent year for Koreans, and Yi Wan-yong the darkest name in Korean history. Japan thereby extinguished Korea's hard-fought independence, which had first emerged with the Silla and Koguryō resistance to Chinese pressures."

⁴⁰ CUMINGS, Bruce. The Passions, 1945–1948. In: CUMINGS, Bruce. **Korea's Place in the Sun: A Modern History**, 2005, p.196.

Enquanto os estadunidenses largavam a primeira das duas bombas atômicas sobre cidades japonesas, os soviéticos avançaram sobre a Manchúria e começaram a atacar tropas japonesas na Coreia. Entendendo que as tropas da União Soviética poderiam tomar a península coreana inteira, foi proposto pelos americanos que o território fosse dividido entre as duas nações a partir do paralelo 38⁴¹. A iniciativa da administração Truman se baseou na ideia de que com a divisão a partir desta linha, a capital Seul ficaria sob influência dos Estados Unidos⁴².

A Coreia agora era um reflexo da nova ordem mundial que se definiu com o final da Segunda Guerra: dividida. As tropas do Exército Vermelho ocupavam todo o Leste Europeu após terem empurrado – e derrotado – os nazistas até Berlim, e ocupavam o norte da Coreia. Os Estados Unidos, tinham suas posições marcadas na Europa Ocidental, e finalmente, no Sul da Península Coreana. Os primeiros anos da chamada Guerra Fria foram marcadas por, em primeiro lugar, uma readequação da política externa estadunidense. George C. Herring em *“From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776”*, vai afirmar que é estabelecida nos primeiros anos da administração de Harry Truman a política de *containment*, pregada pelo diplomata George Kennan, foi adaptada dentro da mais ampla Doutrina Truman, guia os Estados Unidos na primeira fase da Guerra Fria⁴³.

Conter o "avanço soviético" era o principal objetivo da política externa estadunidense, e para isso, diversas manobras foram tomadas para cumprir com este propósito. O Plano Marshall, que colocou à disposição das várias nações europeias destruídas pela Segunda Guerra, bilhões de dólares em financiamento para sua reconstrução, foi uma das políticas levadas a cabo

"The United States had taken the initiative in great-power deliberations on Korea during the war, suggesting a multilateral trusteeship for postwar Korea to the British in March 1943, and to the Soviets at the end of the same year. President Franklin D. Roosevelt, worried about the disposition of enemy-held colonial territories and aware of colonial demands for independence, sought a gradualist, tutelary policy of preparing colonials (like the Koreans) for self-government and independence."

⁴¹ CHAE-JIN, Lee. *The United States Faces Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 19.

"In response, the Truman administration hastily proposed to draw the 38th Parallel as a temporary line where responsibilities between the Soviet Union and the United States for receiving the surrender of Japanese forces on the Korean Peninsula would be divided."

⁴² CUMINGS, Bruce. *The Passions, 1945–1948*. In: CUMINGS, Bruce. **Korea's Place in the Sun: A Modern History**, 2005, p.196.

"Given thirty minutes to do so, Rusk and Bonesteel looked at a map and chose the thirty-eighth parallel because it "would place the capital city in the American zone"; although the line was "further north than could be realistically reached ... in the event of Soviet disagreement," the Soviets made no objections—which "somewhat surprised"."

⁴³ HERRING, George C. *A novel burden far from our shores*. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 610.

"In a fit of pique, Truman in July asked Clark Clifford and George Elsey, two young White House staffers, to document recent Soviet violation of agreements. They produced much more, a lengthy assessment of Soviet intentions and capabilities phrased in the most ominous tones along with a clarion call for U.S. rearmament and the containment of Soviet expansionism."

pelos Estados Unidos a fim de impedir a expansão da influência soviética pelo mundo⁴⁴. Na Ásia, o fim da Segunda Guerra Mundial representou a aceleração do final dos impérios coloniais europeus⁴⁵, a ascensão de países independentes sob lideranças locais com influência soviética ou estadunidense. Essa nova era representava, para Estados Unidos e União Soviética, uma infinidade de oportunidades comerciais e políticas.

O Irã, que foi ocupado por soviéticos e britânicos em 1941, teve sua independência reestabelecida em 1946, após a saída das tropas de ambas as nações⁴⁶. A Indochina Francesa entrou em revolta após a rendição japonesa em 1945, iniciando um período de guerra civil contra a ocupação francesa que iria durar até pelo menos 1954⁴⁷. Já o Japão teve sua reconstrução guiada de perto pelos Estados Unidos. Nos primeiros anos do pós-guerra, o país foi ocupado pelas tropas estadunidenses, sob liderança do General Douglas MacArthur. Diferentemente do caso da Alemanha, que foi dividido em áreas pelos Aliados, o Japão foi apenas ocupado pelos estadunidenses, e manteve um governo civil japonês durante todos os anos da ocupação, que se encerrou em 1951⁴⁸.

Para a península da Coreia, a situação foi diferente. Diante do compromisso firmado entre Estados Unidos e União Soviética ainda durante a Segunda Guerra, de defender a integridade territorial da Coreia, as duas superpotências encontraram diversas dificuldades para respeitar essa condição. Na conferência de Moscou, ainda em 1945, ficou acordado entre as superpotências, a formação de uma comissão conjunta, composta por Estados Unidos, Reino Unido, União Soviética e China, que iria guiar a Coreia por pelo menos cinco anos, até que esta estivesse pronta para adquirir independência⁴⁹. Imediatamente após o anúncio dos resultados da

⁴⁴ WESTAD, Odd Arne. Reconstructions. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 111.

“For Americans and western European governments alike, a major part of the Marshall Plan was combatting local Communist parties.”

⁴⁵ WESTAD, Odd Arne. Breaking Empires. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 249.

“Still, the writing was on the wall for the European empires after 1945. Even with significant US support, the combination of economic weakness at home and rising resistance in the colonies determined the outcome.”

⁴⁶ WESTAD, Odd Arne. New Asia. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 148.

⁴⁷ WESTAD, Odd Arne. New Asia. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 141.

“Indochina had come under French control, while most of the southern archipelago had been taken over by the Dutch. [...] The veteran Communist Ho Chi Minh declared Vietnam’s independence in August 1945.”

⁴⁸ WESTAD, Odd Arne. Nixon in Beijing. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 369.

⁴⁹ CHAE-JIN, Lee. *The United States Faces Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 22.

“On December 27, 1945, the United States, the Soviet Union, and Britain issued a joint communiqué in Moscow in which they agreed to set up a provisional Korean democratic government, to hold a U.S.-Soviet Joint Commission meeting, and to constitute a four-power trusteeship (consisting of the United States, the Soviet Union, Britain, and China) over Korea for a period of up to five years.”

conferência, grupos nacionalistas de direita e comunistas saíram em protesto pelas cidades coreanas, exigindo a imediata independência para a península. Essas manifestações, no entanto, não obtiveram êxito, e logo os grupos comunistas ao norte, ligados aos soviéticos, aceitaram o acordo de cooperação entre Estados Unidos e União Soviética.

As duas superpotências tinham objetivos e desejos distintos no que se referia ao futuro da península coreana. Ao Sul, os estadunidenses usavam das estruturas da antiga polícia colonial japonesa para reprimir manifestações, impedir a mobilização de grupos e partidos de esquerda e sindicatos⁵⁰. No Norte, os diferentes grupos e partidos comunistas se uniam sob o apoio soviético, buscando empregar seu poder na região. Em 1948, as negociações entre Estados Unidos e União Soviética continuavam a fracassar. Os estadunidenses buscavam garantias dos soviéticos de que eleições seriam realizadas em toda a península, de forma aberta e livre, e sob a vigilância das Nações Unidas, o que foi constantemente recusado⁵¹. As relações entre as superpotências passavam por um período delicado pois, ao mesmo tempo que os encontros do comitê conjunto acontecia, os soviéticos bloqueavam o acesso a Berlim⁵², desencadeando a primeira grande crise política da Guerra Fria. Neste cenário de incerteza, os governos provisórios do Norte e do Sul articulavam internamente para levar um fim a ocupação de EUA e URSS.

Com a incapacidade das superpotências em encontrar uma solução que abrangesse a península inteira e protegesse os interesses de ambos, a resistência dos governos provisórios em aceitar quaisquer ofertas que não respeitassem o desejo de unificação sob seu próprio controle, a comissão conjunta logo foi deixada de lado. Com o apoio da ocupação estadunidense no Sul, foram realizadas eleições, lançando as bases para a formação da República da Coreia⁵³. De forma concomitante, os diferentes partidos comunistas estavam se unindo no Norte,

⁵⁰ CUMINGS, Bruce. *The Passions, 1945–1948*. In: CUMINGS, Bruce. **Korea's Place in the Sun: A Modern History**, 2005, p.212.

“Although membership in communist and left-wing organizations was ostensibly legal under the American occupation, “the police generally regarded the Communists as rebels and traitors who should be seized, imprisoned, and sometimes shot on the slightest provocation.”, Meanwhile, according to the CIA, the structure of the southern bureaucracy was “substantially the old Japanese machinery[...].”

⁵¹ CHAE-JIN, Lee. *The United States Faces Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 22.

“The United States applauded Choi’s decisions to lift Emergency Measure 9, to release political prisoners, to ease press censorship, and to allow democratic political discourse.”

⁵² HERRING, George C. A novel burden far from our shores. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 624.

⁵³ CHAE-JIN, Lee. *The United States Faces Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 23.

“After the UNTCOK-supervised elections were held only in the U.S.-occupied zone on May 10, 1948, the Republic of Korea (ROK) under President Syngman Rhee was proclaimed on August 15, 1948, [...]”

formando o Partido dos Trabalhadores da Coreia, que organizaria a República Popular Democrática da Coreia em dezembro de 1948⁵⁴.

Mesmo com o fim dos governos de ocupação, a dependência de ambos os lados para com as superpotências era grande. O recém-empossado governo da República da Coreia, liderado pelo nacionalista Syngman Rhee, visava não só o apoio econômico dos Estados Unidos, mas buscava ajuda militar caso ocorresse um ataque vindo do Norte⁵⁵. O discurso de unificação da península foi foco de ambos, comunistas no Norte e nacionalistas no Sul, que almejavam a criação de um país unificado sob seus ideais.

O desejo pela unificação acirrou as tensões entre as Coreias e desentendimentos eram comuns ao longo da fronteira dos dois países. Estados Unidos e União Soviética não queriam um confronto na península e tentavam constantemente tranquilizar os ânimos de seus respectivos lados. Para Josef Stalin – Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética - em um primeiro momento, um ataque ao sul não deveria acontecer⁵⁶. Já os estadunidenses se dividiam entre os que não consideravam a Coreia peça importante da política externa americana, e os que defendiam um maior envolvimento dos EUA no Sul⁵⁷.

⁵⁴ CHAE-JIN, Lee. *The United States Faces Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 23.

“In the Soviet-controlled zone, the Democratic People’s Republic of Korea (DPRK) under Premier Kim Il Sung, a leader of the anti-Japanese guerrilla forces in Manchuria, was established on September 9.”

⁵⁵ CHAE-JIN, Lee. *The United States Faces Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 25.

⁵⁶ WESTAD, Odd Arne. *Korean Tragedy*. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 158.

⁵⁷ CHAE-JIN, Lee. *Political Crisis in South Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 103.

“Despite the Truman Doctrine, declared on March 12, 1947, “to support free peoples who are resisting attempted subjugation by armed minorities or by outside pressures” and despite George F. Kennan’s advocacy of a containment strategy, the Joint Chiefs of Staff (JCS), led by General Dwight Eisenhower, concluded on September 26, 1947, that “from the standpoint of military security, the United States has little strategic interest in maintaining the present troops and bases in Korea.”. They of the United States with respect to Korea” (NSC 8), which was adopted on April 2, 1948, the National Security Council assessed three possible courses of action: (1) to abandon South Korea; (2) to support a South Korean government as a means of liquidating the U.S. commitment with minimum bad effect; or (3) to guarantee South Korea’s independence and territorial integrity by force of arms if necessary. The NSC chose the second option. For this purpose it decided that “every effort should be made to create conditions for the withdrawal of occupation forces by 31 December 1948.”.”

⁵⁷ WESTAD, Odd Arne. *Korean Tragedy*. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 160.

“But Mao could not say no. He was a Communist internationalist who believed that it was the CCP’s duty to help revolutionaries elsewhere. He also viewed Stalin as the undisputed head of the international Communist movement and could not countenance an open challenge to the vozhd’s authority. Most important of all, the Chinese had just reunified their own country by force. How could he refuse the Korean Communist younger brothers the right to do the same?”

⁵⁷ STUECK, William. *The Origins of the Korean War*. In: STUECK, William. **The Korean War: An International History**, 1995, p. 10.

⁵⁷ STUECK, William. *The Origins of the Korean War*. In: STUECK, William. **The Korean War: An International History**, 1995, p. 10.

Na China, a disputa entre nacionalistas e comunistas pelo controle do país, que em 1949 já durava duas décadas, chegou a um clímax em 1º de outubro, quando da capital Pequim foi proclamada a República Popular da China, sob controle do Partido Comunista Chinês. Os nacionalistas bateram em retirada, se refugiando na ilha de Taiwan, onde iriam se estabelecer e manter o conflito vivo com a China Continental⁵⁸.

Após a vitória dos comunistas na China, e insatisfeito por uma série de contratemplos na Europa, Stalin passou a reavaliar os pedidos norte-coreanos para autorizar um ataque ao Sul. Concluindo que a ofensiva poderia ter êxito, o líder soviético avisou a Kim Il-Sang – Premier da Coreia do Norte – para que buscasse na China o apoio que precisava para invadir o Sul. Il-Sang lutou não só contra a ocupação japonesa na Manchúria uma década antes, como havia apoiado os comunistas na Guerra Civil. Mao Tse-Tung, líder do Partido Comunista Chinês, sentia-se em dívida com os norte-coreanos, e assim decidiu dar carta branca para que Kim atacasse o Sul⁵⁹.

De acordo com William Stueck em *“The Korean War: An International History”*, nas primeiras horas do dia 25 de junho de 1950, divisões norte-coreanas começaram a atravessar o paralelo 38 e atacar as tropas sul-coreanas próximas a fronteira⁶⁰. Esse ataque iniciou a Guerra da Coreia, o primeiro grande confronto militar da Guerra Fria.

Os sul-coreanos não estavam bem-preparados para a batalha. O exército do país teve dificuldades em se armar e o treinamento das tropas era considerado insuficiente. No mais, o próprio país navegava em um oceano de instabilidade desde a sua própria fundação em 1948: as constantes greves e mobilizações, a economia frágil e a dependência forte de capital

“[...] considered South Korea undefendable and thus a military liability for the United States. This recommendation was in sharp contrast with the principal theme of the memorandum known as NSC 68 (April 1950), which argued for a strong response to the military challenges presented by the Soviet Union and its allies. In a paper on “The Position of the United States with respect to Korea” (NSC 8), which was adopted on April 2, 1948, the National Security Council assessed three possible courses of action: (1) to abandon South Korea; (2) to support a South Korean government as a means of liquidating the U.S. commitment with minimum bad effect; or (3) to guarantee South Korea’s independence and territorial integrity by force of arms if necessary. The NSC chose the second option. For this purpose it decided that “every effort should be made to create conditions for the withdrawal of occupation forces by 31 December 1948.””

⁵⁸ WESTAD, Odd Arne. New Asia. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 137.

⁵⁹ WESTAD, Odd Arne. Korean Tragedy. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 160.

“But Mao could not say no. He was a Communist internationalist who believed that it was the CCP’s duty to help revolutionaries elsewhere. He also viewed Stalin as the undisputed head of the international Communist movement and could not countenance an open challenge to the *vozhd’s* authority. Most important of all, the Chinese had just reunified their own country by force. How could he refuse the Korean Communist younger brothers the right to do the same?”

⁶⁰ STUECK, William. The Origins of the Korean War. In: STUECK, William. **The Korean War: An International History**, 1995, p. 10.

estrangeiro deixavam a República da Coreia em uma posição delicada⁶¹. Sendo assim, não foi surpresa quando as tropas norte-coreanas conseguiram em poucos dias, tomar a capital Seul e forçar a administração do país a fugir rumo ao sul do país. Kim Il-Sung esperava, antes da invasão acontecer, que o Sul cairia em cerca de um mês⁶². No entanto, o avanço de seus batalhões se mostrou mais rápido ainda do que suas próprias expectativas.

Em Washington, a administração Truman enfrentou um dilema: se envolver ou não diretamente no conflito. Dean Acheson, secretário de estado, tomou a decisão de levar o tema para o conselho de segurança das recém-formadas Nações Unidas e buscar um consenso, ao mesmo tempo que estava determinado em intervir em favor do Sul. O conselho de segurança da ONU autorizou então, em 26 de junho, a formação de uma força tarefa, encabeçada pelos Estados Unidos, a fim de defender a integridade territorial da República da Coreia – que era, nesse momento, a única Coreia reconhecida oficialmente pelas Nações Unidas – e expulsar os norte-coreanos do território conquistado⁶³.

Em poucos dias, milhares de americanos começaram a desembarcar no Sul da península, indo direto ao resgate das mal preparadas tropas sul coreanas. Assim que puderam obter êxito em manter as posições e impedir o avanço dos norte-coreanos, os estadunidenses lançaram um ataque a cidade portuária de Incheon, na região metropolitana de Seul, buscando isolar as tropas do norte e reconquistar a capital.

A estratégia logo teve êxito, e em questão de semanas, as tropas da ONU já empurravam os norte-coreanos para além da linha do paralelo 38. E novamente Washington enfrentaria um dilema: encerrar a guerra assim que as tropas do norte passaram pelo paralelo ou encerrar de uma vez por todas a influência comunista na península? Acabar com o Norte foi a decisão tomada pelo governo estadunidense, que logo refletiu nas ações das tropas: agora, eram os

⁶¹ STUECK, William. The Origins of the Korean War. In: STUECK, William. **The Korean War: An International History**, 1995, p. 10.

⁶² WESTAD, Odd Arne. Korean Tragedy. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, pg. 161.

“[...] US military advisers fought on the side of the South Koreans from the very beginning, and small US reinforcements arrived from Japan during the second week of the war. Still, in late July Kim Il-sung reported to Moscow that he expected the war to last less than a month.”

⁶³ WESTAD, Odd Arne. Korean Tragedy. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, pg. 162.

“In Washington, President Truman immediately decided that the war was a case of outright Communist aggression, carried out to further reduce US influence in Asia and to test the will of the United States and its allies on a global scale. He ordered US forces to resist. The president also introduced a resolution at the UN Security Council that condemned the North Korean attack, determined that it was “a breach of the peace,” and ordered an immediate withdrawal. The resolution passed unopposed because the Soviets were boycotting the council on account of the US refusal to seat the People’s Republic of China (PRC) there. The following week the Security Council passed a follow-up resolution, which called for all UN members to “furnish such assistance to the Republic of Korea as may be necessary to repel the armed attack.” It established a unified UN military command in Korea, to be led by the United States. [...]”

americanos que empurravam os norte-coreanos agressivamente em direção a China. Conforme a situação foi rapidamente se deteriorando, Kim Il-Sang buscou ajuda do governo chinês para que este dispusesse tropas a disposição do norte na luta contra os estadunidenses.

Quando as tropas americanas já estavam no rio Yalu, na fronteira entre a Coreia do Norte e a China, os chineses e norte-coreanos iniciaram um contra-ataque, que logo se maximizou e acelerou a expulsão das tropas das Nações Unidas, que se retiravam rumo ao sul do paralelo 38⁶⁴. Ao invés de conseguirem empurrar as tropas da ONU para além do paralelo, norte-coreanos e chineses só conseguiram levar a batalha para até a linha de fronteira entre Norte e Sul. Nesse momento, a guerra deixou de ser uma de conquista e passou a ser de atrito⁶⁵, com as perdas humanas e de materiais crescendo rapidamente.

Estadunidenses, chineses e norte-coreanos iniciaram conversas para encerrar com o conflito, mas constantemente o Sul, que tinha interesse não só na proteção americana, mas em ganhar os territórios do Norte, boicotou quaisquer acordos que fossem costurados entre as nações⁶⁶. No entanto, em 1953, após três anos de conflito, a administração Eisenhower – que assumiu a presidência dos Estados Unidos em janeiro de 1953 – não tinha mais o interesse de continuar a lutar, tamanho gasto financeiro e em vidas humanas que aquela guerra tinha trazido. Ainda assim, houve um comprometimento americano em manter um destacamento de tropas, um acordo de proteção e investimentos para forçar a administração Rhee a aceitar um armistício. No fim, mesmo que o governo sul-coreano não tenha aceitado ofertas americanas, um armistício entre a Coreia do Norte, Estados Unidos – como representante da ONU - e China acabou encerrando a Guerra da Coreia em 27 de julho de 1953⁶⁷.

⁶⁴ STUECK, William. Limiting the War. In: STUECK, William. **The Korean War: An International History**, 1995, p. 128.

“[...] Within a day after the “home by-Christmas offensive commenced on 24 November, the Chinese launched massive counterattacks on the vulnerable right flank of the Eighth Army. In a matter of hours panic swept through the three divisions of the ROK II Corps, sending them southward in disorganized flight, abandoning weapons and supplies by the ton in the mad scramble for safety. U.S. units on the center and left of the UN front remained unaware of the fate of the ROK divisions until late on the 26th. By then, Chinese pressure had driven back the U.S. Second Army Division two miles from forward positions along the Chongchon River. Two days later the entire Eighth Army was in a headlong retreat southward. A week later it quit Pyongyang. Not until mid-December, when it reached the Imjin River just below the 38th parallel, did it pause. [...]”

⁶⁵ WESTAD, Odd Arne. Korean Tragedy. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, pg. 170.

“Even though armistice talks started in the summer of 1951, the war itself rolled on for two more dreadful years, without any meaningful military gains being made by either side. [...]”

⁶⁶ CHAE-JIN, Lee. *The United States Face Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 33-34.

“The United States applauded Choi’s decisions to lift Emergency Measure 9, to release political prisoners, to ease press censorship, and to allow democratic political discourse.”

⁶⁷ WESTAD, Odd Arne. Korean Tragedy. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, pg. 172-173.

Com o fim da guerra, os Estados Unidos decidiram incluir a Coreia do Sul nos seus planos de conter a expansão comunista – nesse caso em específico, o comunismo chinês, e acabaram por propor um acordo de defesa mútua para a administração Rhee. O acordo manteve as tropas sul-coreanas sob o comando operacional do comandante do Comando das Nações Unidas, que seria o comandante das tropas estadunidenses na península. Em contrapartida, junto ao acordo, os estadunidenses se comprometeram em não só manter um destacamento de tropas fixas no país, mas em auxiliar financeiramente a nação que havia sido completamente destruída⁶⁸.

Nos anos seguintes, até o fim da década de 50, a República da Coreia se transformou em um dos maiores recebedores de auxílio econômico dos Estados Unidos⁶⁹. O país era dependente da ajuda americana, e a administração Eisenhower usou dessa necessidade para influenciar a política interna sul-coreana. Entre diversas questões, os americanos buscaram forçar a administração Rhee a adotar medidas que incentivassem a democratização do país e principalmente, que este normalizasse relações com o Japão, outro importante aliado estadunidense na região, os dois países eram parte importante da política de *containment* no extremo oriente.

Em 15 de março de 1960, foram realizadas eleições presidenciais na Coreia do Sul para presidente. Grupos de oposição e organizações sociais denunciaram de forma massiva uma série de irregularidades na eleição que elegeu novamente Rhee para o cargo máximo do executivo nacional. Em resposta, uma série de protestos violentos organizados por estudantes, tomaram conta de algumas das principais cidades do país, como Masan e Seul. O governo sul-coreano, autorizado pelo comandante do Comando das Nações Unidas, usou de tropas para suprimir os protestos, matando e ferindo dezenas de manifestantes⁷⁰.

Os Estados Unidos, por via do departamento de estado e seus representantes no país, começou a pressionar o presidente Rhee sobre a condução das eleições de março. Em abril, a situação continuou a se deteriorar, quando dezenas de milhares de manifestantes ocuparam a frente de uma série de prédios administrativos em Seul, indignados com a conjuntura do país e

⁶⁸ CHAE-JIN, Lee. *The United States Face Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 37.

“*The three-year Korean War solidified South Korea as a U.S. client state par excellence in a wide range of military, diplomatic, and economic affairs. [...]*”

⁶⁹ CUMINGS, Bruce. *Korean Sun Rising: Industrialization, 1953–Present*. In: CUMINGS, Bruce. **Korea's Place in the Sun: A Modern History**, 2005, p.323.

⁷⁰ CHAE-JIN, Lee. *The United States Face Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 43.

as eleições. Quando os manifestantes se aproximaram do palácio presidencial, guardas atiraram contra a multidão, deixando mais mortos e feridos.

A administração Rhee pediu e conseguiu autorização do Comando das Nações Unidas para utilizar tropas a fim de recuperar o controle sobre a cidade e decretou lei marcial com toque de recolher. Os protestos, no entanto, se espalharam para além das fronteiras de Seul e logo outras cidades começaram a registrar manifestações contra Rhee e seu governo⁷¹. Com o aumento dos protestos e com a pressão americana, que exigia que o presidente cedesse aos pedidos dos manifestantes, Syngman Rhee anunciou que deixaria o cargo de presidente, invalidaria o resultado da polêmica eleição de março de 1960, e pediria a Assembleia Nacional uma emenda constitucional para modificar a forma com que as administrações eram compostas. A “Rebelião de Abril” como ficou conhecido o período que trouxe a queda da administração Rhee, acabou conquistando novas eleições, que foram realizadas logo após a renúncia do presidente.

No ano seguinte, a nova administração dos Estados Unidos, liderada por John F. Kennedy, teve de lidar com uma série de desafios. Poucos meses depois de assumir o cargo, em abril de 1961, Kennedy enfrentou o fiasco de uma invasão frustrada à ilha de Cuba, a invasão da baía dos Porcos⁷², ao tentar remover Fidel Castro e o governo socialista do país a força. Em 1962 ocorre a crise dos mísseis, onde Estados Unidos e União Soviética negociam a remoção de mísseis soviéticos da ilha de Cuba. Na Europa, os soviéticos começavam a pressionar as nações ocidentais a retirarem suas tropas de Berlim Ocidental⁷³, na sequência iniciando a construção de um muro para separar a parte oriental da ocidental o Muro de Berlim, iniciando uma grave crise diplomática.

Na Ásia, a situação no Vietnã era delicada. Após a expulsão dos franceses em 1954, o país foi momentaneamente dividido a partir do paralelo 17, com o Norte sendo apoiado pela China e pela União Soviética, e o Sul, pelos Estados Unidos. A partir de 1959, o Norte passou a apoiar de forma extensiva a atividade de guerrilhas comunistas no Sul. A administração

⁷¹ CUMINGS, Bruce. *The Virtues, II: The Democratic Movement, 1960–Present*. In: CUMINGS, Bruce. **Korea's Place in the Sun: A Modern History**, 2005, p.368.

⁷² WESTAD, Odd Arne. *Kennedy's Contingencies*. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 302.

“[...] The plan that was implemented on 17 April 1961 was a failure from the beginning. Caught between his eagerness to remove Castro and his desire for deniability of direct US participation, Kennedy helped send 1,400 US trained counterrevolutionary Cuban fighters across to the island from Guatemala. [...] Instead, the invaders at Bahía de Cochinos (Bay of Pigs), 150 miles from Havana, were rounded up by Cuban troops, paraded on TV, and sent off to prison camps. [...]”

⁷³ HERRING, George C. *Guilliver's Troubles*. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, pg. 709.

“[...] Khrushchev made clear that the status quo on Berlin was unacceptable. Kennedy insisted that the United States would not surrender its rights. Khrushchev renewed the six-month ultimatum and reiterated his threat of a separate peace. [...]”

Kennedy, temendo que ocorresse no Vietnã o que foi chamado durante o período Eisenhower de *efeito dominó* – que se uma nação caísse para o comunismo, isso passaria de nação em nação –, decidiu aumentar a presença estadunidense no Sul do Vietnã⁷⁴.

Em meio a essa onda de crises, a administração Kennedy teve de lidar com uma situação esperada na República da Coreia. Em 16 de maio de 1961, um grupo de militares, liderados pelo general Park Chung-Hee, deu um golpe de estado no governo eleito da Coreia do Sul⁷⁵, dissolveu a Assembleia Nacional, aprisionou políticos e líderes estudantis e fechou organizações sociais. Mesmo com a CIA – *Central Intelligence Agency*, a agência de inteligência dos Estados Unidos – e a embaixada americana em Seul tivessem recebido informações da possibilidade de um golpe de estado, a administração Kennedy não tinha um plano organizado para lidar com a situação.

Em um primeiro momento, a posição da embaixada e do comando militar estadunidense na península foi de apoiar o governo deposto. No entanto, a inabilidade do governo em articular uma resistência, a objeção do presidente Yun em usar tropas para acabar com o golpe, levou os americanos a mudar de posição. No dia 18, Chang Myon – primeiro-ministro do país e seu gabinete renunciaram oficialmente. No mesmo dia, os golpistas estabeleceram o Conselho Supremo para Reconstrução Nacional, que passou a funcionar como governo de fato da República da Coreia, com a liderança de Park Chung-Hee⁷⁶.

No mesmo ano, a Coreia do Norte assinou um amplo acordo de defesa mútuo com China e União Soviética, oficialmente colocando a península coreana inteira sob influência do contexto das oposições da Guerra Fria – União Soviética e Estados Unidos. Ao fim de 1961, Park Chung-Hee se encontrou com o presidente Kennedy em Washington e se comprometeu a auxiliar o esforço americano no Vietnã na busca de conter o avanço comunista no extremo oriente com o envio de tropas sul-coreanas para a região⁷⁷.

Após a morte de John Kennedy em novembro de 1963, a situação do Vietnã era delicada, o que levou o novo presidente, Lyndon Johnson, a expandir o envolvimento americano no país, ampliando as operações de ataque aéreo. Em 1964, após o suposto ataque a uma

⁷⁴ HERRING, George C. *Guilliver's Troubles*. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, pg. 726.

⁷⁵ CHAE-JIN, Lee. *The United States Face Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 46.

⁷⁶ CHAE-JIN, Lee. *The United States Face Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 48.

⁷⁷ CHAE-JIN, Lee. *The United States Faces Korea*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 49.

embarcação americana, o Congresso dos Estados Unidos deu poderes ao presidente Johnson a desembarcar tropas no Vietnã⁷⁸, o que ocorreu em 8 de março de 1965.

Segundo Lee Min Yong em “*The Park Chung Hee Era: The Transformation of South Korea*”, a Coreia do Sul, liderada por Park Chung-Hee, apoiou o envio de tropas para o Vietnã⁷⁹, ajudando com cerca de 48.000 soldados até o fim de 1969. Ao mesmo tempo, os americanos passaram a pressionar o governo de Hee a aceitar a normalização das relações com o Japão⁸⁰.

O acordo, firmado em 1965, deu a Coreia do Sul não só um novo parceiro comercial impulsionou o processo de desenvolvimento econômico do país⁸¹, guiado por empréstimos extensos dos Estados Unidos – como parceiro econômico de longa data, e pela ajuda sul-coreana no Vietnã – e agora, dos japoneses, que viam no país uma oportunidade comercial. A República da Coreia nas duas décadas seguintes, sairia de uma posição de dependência para a de uma grande economia.

Em 1969, após Richard Nixon assumir a presidência dos Estados Unidos, a política externa estadunidense passou por uma readequação. A Guerra do Vietnã era mais e mais impopular junto a população americana, e as relações com a União Soviética e China estavam bastante deterioradas. Orquestrado pelo consultor de segurança nacional e, posteriormente, secretário de estado Henry Kissinger, os EUA passaram a adotar a estratégia de *détante*⁸² – do

⁷⁸ HERRING, George C. *Guilliver’s Troubles*. In: HERRING, George C. *From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776*, 2008, p. 738-739.

“[...] *And when North Vietnamese gunboats on August 2 and 4 allegedly attacked U.S. destroyers in the Gulf of Tonkin, he retaliated by bombing military installations across the seventeenth parallel. Claiming on August 4 an unprovoked attack on U.S. ships in international waters, an assertion later disputed and now known to be false, he rushed through a compliant Congress with near unanimous consent a Tonkin Gulf Resolution authorizing him to use “all necessary measures to repel any armed attack against the United States and to prevent further aggression.” [...] Following a searching analysis of the options, most likely with his mind already made up, Johnson in late July ordered the immediate dispatch of 175,000 U.S. troops, making what amounted to an open-ended commitment to save South Vietnam. [...]*”

⁷⁹ LEE, Min Yong. *International Relations*. In: BYUNG-KOOK, Kim, VOGEL, Ezra F. **The Park Chung Hee Era: The Transformation of South Korea**, 2011, p. 403.

⁸⁰ KIM, Eun Mee, PARK, Gil-Sung. *Economy and Society*. In: BYUNG-KOOK, Kim, VOGEL, Ezra F. **The Park Chung Hee Era: The Transformation of South Korea**, 2011, p. 279.

“[...] *The signing of a normalization treaty with Japan in 1965 not only resulted in a lump-sum transfer of Japanese money in the form of reparation funds, but also cleared the way for the entry of Japanese capital on a commercial basis. [...]*”

⁸¹ KIM, Eun Mee, PARK, Gil-Sung. *The Chaebol*. In: BYUNG-KOOK, Kim, VOGEL, Ezra F. **The Park Chung Hee Era: The Transformation of South Korea**, 2011, p. 279.

⁸² HERRING, George C. *Nixon, Kissinger, the end of the postwar era, 1969–1974*. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 771.

“[...] *They viewed detente not as an end in itself but rather, in Nixon’s words, a means to “minimize confrontation in marginal areas and provide, at least, alternative possibilities in the major ones.” They hoped it would enable them to manage Soviet power and thus get the USSR to accept the emerging world order.*”

francês, relaxamento - relaxando as tensões com a União Soviética a fim de reduzir a possibilidade de um conflito nuclear entre as superpotências.

Nos anos seguintes, os Estados Unidos normalizaram as relações com a China – que, após a denúncia do período stalinista pelo secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética Nikita Khrushchev em 1955, passou a se distanciar diplomaticamente de Moscou -, assinaram o Tratado sobre Mísseis Antibalísticos com a União Soviética, o que limitou a proliferação de armas nucleares entre os dois países, e encerraram a participação do país na Guerra do Vietnam, assinando o Acordo de Paz de Paris⁸³ em 1973.

Ainda em 1973, a Guerra do Yom-Kippur entre uma coalizão de países árabes, apoiados pela União Soviética e Israel, apoiado pelos Estados Unidos elevou as tensões entre as superpotências. Com a vitória de Israel, a Organização dos Países Produtores de Petróleo, a OPEP, sob o controle dos países árabes, decidiu reduzir a produção e venda de petróleo para as nações ocidentais, em retaliação ao apoio a Israel. Isso causou uma massiva crise energética no Ocidente e uma consequente crise econômica⁸⁴.

O presidente Richard Nixon acabaria engolido por um escândalo de corrupção, o *Watergate*⁸⁵, que o levou a renunciar em 1974. No entanto, a administração de Gerald Ford, que assumiu após a renúncia, manteve a política externa estadunidense alinhada com a estratégia da *détante*. Ainda assim, o apoio americano aos golpes de estado no Chile em 1973 e na Argentina em 1976 mostraram o limite da *détante* frente ao desejo estadunidense em limitar a influência soviética pelo mundo.

As relações com a Coreia do Sul passam a enfrentar uma fase difícil durante o governo de Jimmy Carter, que assumiu a presidência dos EUA em 1977. Carter se considerava um defensor dos direitos humanos e esperava usar a política externa do país para aplicar essa defesa. Considerando que o regime de Park Chung-Hee era visto como autoritário e opressivo, já que

⁸³ WESTAD, Odd Arne. Nixon in Beijing. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 381.

⁸⁴ HERRING, George C. Foreign policy in an age of dissonance, 1974–1981. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 811.

“The 1973 Arab oil embargo — an “economic Pearl Harbor”— triggered an energy crisis marked by soaring prices for gasoline and fuel oil. Inflation had customarily meant high employment, but the 1970s brought the new phenomenon called “stagflation.” While lines at gas stations lengthened and inflation rose, unemployment mounted.”

⁸⁵ WESTAD, Odd Arne. Nixon in Beijing. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 387.

“[...] Nixon’s trouble with the law engulfed his presidency soon after his reelection in 1972. The president was found to have interfered with the investigation of a break-in at the headquarters of his Democratic opponents at the Watergate building in Washington. The burglary had been carried out on the orders of White House officials, and pressure on Nixon to testify increased. When it became clear that he faced impeachment and probable removal from office, Nixon resigned in August 1974. He was the first US president to resign and did so in disgrace.”

as liberdades políticas e individuais dos sul-coreanos a muito eram cerceadas, a administração Carter passou a pressionar o governo da Coreia do Sul por mudanças, em especial, a redemocratização do país⁸⁶.

A administração Carter teve idas e vindas em relação a sua posição com o regime sul-coreano, já que na campanha presidencial, Jimmy Carter havia prometido retirar as tropas americanas estacionadas na península⁸⁷, o que gerou preocupação do governo sul-coreano. Mesmo assim, os estadunidenses permaneceram firmes em seus acordos com o país, mantendo-se como o maior parceiro comercial e militar da República da Coreia.

Em 1979, ocorre a Revolução Iraniana, que derruba o governo do *Shah Reza Pahlavi*, encerrando décadas de influência estadunidense no país. A revolução foi considerada uma falha da política externa americana, pois não conseguiu compreender a real situação interna do Irã antes de acontecer⁸⁸. O mesmo processo trouxe insegurança para o mercado de petróleo global, causando a segunda Crise do Petróleo⁸⁹ e agravando as condições econômicas mundiais.

Ainda no mesmo ano, a União Soviética invade o Afeganistão, criando mais um desafio para a administração Carter. A um ano de uma eleição presidencial, Carter reorienta⁹⁰ a política externa de seu governo e abandona as tentativas de defesa dos direitos humanos, adotando uma postura mais pragmática e mais de acordo com as administrações anteriores dos Estados Unidos. O princípio da *détante* entrava em sua fase final.

Na Coreia, os impactos da crise do petróleo, a repressão política e as condições sociais levam os sul-coreanos as ruas⁹¹. Com a crise política estabelecida, a pressão sob Park Chung-Hee aumenta, e em outubro de 1979, ele acaba assassinado pelo chefe de sua agência de

⁸⁶ CHAE-JIN, Lee. *The Dynamics of Structural Adjustment*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 84

⁸⁷ CHAE-JIN, Lee. *The Dynamics of Structural Adjustment*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 81.

“Even before the axe-murder incident at Panmunjom was completely resolved, a dark cloud hovered over the question of the continuation of the U.S. military presence in South Korea. On March 17, 1976, Jimmy Carter, governor of Georgia and a leading contender for the Democratic Party’s presidential nomination, told a Washington Post reporter that the United States should remove about 7,000 nuclear devices from South Korea. As a front-runner, he delivered a major foreign policy speech on June 23 in Chicago. Among other things, he said that “it will be possible to withdraw our ground forces from South Korea on a phased basis over a time span to be determined after consultation with both South Korea and Japan.”

⁸⁸ WESTAD, Odd Arne. Defeating Détente. In: WESTAD, Odd Arne. *The Cold War: A World History*, 2017, p. 452.

⁸⁹ HERRING, George C. Foreign policy in an age of dissonance, 1974–1981. In: HERRING, George C. *From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776*, 2008, p. 850

⁹⁰ HERRING, George C. Foreign policy in an age of dissonance, 1974–1981. In: HERRING, George C. *From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776*, 2008, p. 852.

“The Soviet invasion of Afghanistan on December 27, 1979, pushed Carter into the camp of the hard-liners and provoked him to escalate the Cold War into its climactic phase.”

⁹¹ CHAE-JIN, Lee. *The Dynamics of Structural Adjustment*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 102.

inteligência⁹², jogando o país em um período de grande incerteza. O golpe de estado em dezembro do mesmo ano, liderado pelo general Chun Doo-Hwan iria deteriorar ainda mais a situação política do país, desencadeando mais protestos, e o Movimento Democrático de Gwangju no ano seguinte.

O Movimento Democrático de Gwangju encerra o período de protestos na Coreia do Sul que se inicia com a morte do presidente Park Chung-hee. As suas causas, no entanto, não se tratava somente de insatisfação popular, mas estavam inseridas em uma conjuntura mais ampla da Guerra Fria. Como vimos, os Estados Unidos, desde o começo da Guerra Fria em 1945, mantiveram sua política externa inclinada para conter a influência da União Soviética pelo mundo, usando de tropas como no caso do Vietnã, ou apoiando golpes de estado, como na Argentina e no Chile. Na República da Coreia, a forma usada para atingir esse objetivo foi se manter próximo das administrações do país, influenciando como possível nas decisões internas. Quando as manifestações em Gwangju acontecem em 1980, a preocupação estadunidense se deu no âmbito da segurança, imaginando que a instabilidade causada pelos protestos pudesse fragilizar o país e o tornar suscetível a uma invasão do Norte comunista. O foco estadunidense sempre esteve na sua disputa com a União Soviética, mesmo quando se tratava de um assunto particular da Coreia do Sul.

A seguir, trabalharemos os anos 1980 e a política externa americana para a Coreia sob os olhos da imprensa estadunidense, com foco no processo de redemocratização da República da Coreia e a influência dos acontecimentos em Gwangju.

⁹² HYUNJI, Lee. *The May 18th Democratic Uprising*. In: *The Gwnagju Uprising: A Movement, A Memory, A Myth of modern South Korea*. 2012. pg. 10.

3 ESTADOS UNIDOS E COREIA PÓS-GWANGJU: A REDEMOCRATIZAÇÃO SOB OS OLHOS DA IMPRENSA ESTADUNIDENSE

No primeiro capítulo, buscamos compreender os acontecimentos do Movimento Democrático de Gwangju e o contexto maior ao qual este estava inserido, a Guerra Fria. Agora, usando o que foi apresentado na primeira parte como base, que nos ajudou a entender a conjuntura em que sul-coreanos e estadunidenses estavam inseridos, trabalharemos novamente com a história de Estados Unidos e República da Coreia lado a lado, mantendo-nos no cenário de Guerra Fria, no entanto, buscaremos neste capítulo estudar os acontecimentos na Coreia do Sul durante a década de 1980 a partir da ótica da imprensa americana.

Tendo isso em vista, faremos uso de um periódico estadunidense, o *The New York Times*. O jornal foi fundado ainda em 1851 sob o nome de *New-York Daily Times* pelo político e jornalista Henry Jarvis Raymond e pelo banqueiro George Jones, que formaram a empresa *Raymond, Jones & Company* para publicar o jornal⁹³. Em 1896, após a morte de seus fundadores, o periódico passou por um período de crise financeira, dando espaço para que Adolph Ochs, proprietário do jornal *Chattanooga Times* acabasse comprando as operações do Times⁹⁴. Sobre o comando de Ochs, o *New York Times* passou por um processo de expansão, aumentando a circulação, e se tornando um dos mais conhecidos jornais do mundo. Os posicionamentos do periódico – pertencentes ainda hoje aos herdeiros da família de Ochs são constantemente encarados como alinhados a um pensamento de esquerda, ainda que haja muita controvérsia acerca do tema.

Em especial, iremos investigar a partir de várias edições de 1980 a 1987 do periódico, como ocorre o fortalecimento do sentimento antiamericano no país após os acontecimentos de Gwangju, e de que forma o jornal aborda e interpreta esses temas.

3.1 1980-1987 NOS ESTADOS UNIDOS E NA COREIA DO SUL

Após os eventos na cidade de Gwangju, ao fim de maio de 1980, Chun Doo-Hwan instituiu a criação do Comitê Nacional Especial de Segurança Nacional, colocando-se como

⁹³ PEDERSON, Jay P. The New York Times Company." **International Directory of Company Histories**. vol. 133. St. James Press. Estados Unidos, 2012.

⁹⁴ PEDERSON, Jay P. The New York Times Company." **International Directory of Company Histories**. vol. 133. St. James Press. Estados Unidos, 2012.

membro deste. Após poucas semanas assumiu a função de chefe de estado da Coreia do Sul, tendo retirado da função o primeiro-ministro Choi Kyu Ha, que ocupava o posto de chefe de estado em exercício desde a morte de Park Chung-hee em outubro de 1979, e ordenou a dissolução da Assembleia Nacional. Choi Kyu Ha renunciou ao cargo de presidente e uma eleição foi levada a cabo em agosto de 1980. As eleições foram indiretas, organizadas pelo Comitê Nacional de Unificação, uma espécie de colégio eleitoral, que elegeu oficialmente o presidente da República⁹⁵.

Após receber 99,9% dos votos válidos, apoiado por uma junta militar e desfrutando de plenos poderes ao exercer o mais alto cargo do executivo do país, Doo-Hwan assumiu oficialmente a presidência em 1º de setembro de 1980⁹⁶. Próximo ao fim do mesmo mês, o presidente instituiu uma nova constituição, revisada e baseada na antiga Constituição de *Yushin*, promulgada durante o regime de Park Chung-hee, iniciando o período da Quinta República na Coreia do Sul. Este novo documento instituiu que o mandato de presidente duraria 7 anos, e que eleições deveriam ser realizadas, sendo estas estipuladas para fevereiro de 1981.

Concomitante aos acontecimentos na Coreia, os Estados Unidos passavam por um ano muito complicado. Os reféns americanos permaneciam presos na embaixada em Teerã e as negociações, intermediadas pela Argélia, começaram a avançar somente após a invasão do Irã pelo Iraque, em setembro do mesmo ano. A invasão soviética ao Afeganistão havia criado tremores pelo mundo, e os americanos prontamente passaram a adotar uma postura mais agressiva contra a União Soviética. Economicamente, o país entrou em recessão no primeiro mês de 1980, e a inflação que era um problema, segundo James T. Patterson em *Restless Giant: The United States from Watergate to Bush v. Gore*⁹⁷, desde os anos 1970.

Nesse cenário conturbado, a aprovação da administração Carter junto a população americana estava em baixa. Em novembro de 1980, foram realizadas eleições presidenciais, em que o próprio presidente Jimmy Carter buscava sua reeleição. Porém, o fraco apoio a Carter se

⁹⁵ CHAE-JIN, Lee. *The Dynamics of Structural Adjustment*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 107.

“It seems indisputable, however, that the Carter administration eventually accepted the emerging reality in South Korea—President Choi’s resignation and Chun’s indirect election as president by the National Conference for Unification in August 1980.”

⁹⁶ CHAE-JIN, Lee. *The Dynamics of Structural Adjustment*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 107.

⁹⁷ PATTERSON, James T. Carter, Reagan, and the rise of the right. In: PATTERSON, James T. *Restless Giant: The United States from Watergate to Bush v. Gore*, p. 127

“These drawn-out, demoralizing developments contributed to worsening economic conditions in the United States. Galloping inflation became an especially frightening specter in the late 1970s—and lasted until 1982. The roots of this inflation were deep, stemming in part from federal deficits that dated to spending on the Vietnam War in the late 1960s.”

transformou em uma derrota contundente, e o oponente Ronald Reagan, republicano ex-governador do estado da Califórnia, foi eleito presidente. Reagan prometia um governo diferente do de Carter não só na política interna, ao se comprometer a cortes extensos de gastos e de impostos, como na política externa, onde iria valorizar a “segurança e defesa” ao invés do enfoque nos direitos humanos, uma marca registrada da administração Carter⁹⁸.

Quando Reagan foi empossado presidente em 20 de janeiro de 1981, os reféns americanos foram libertados depois de mais de um ano de negociações, e o novo presidente teve o prazer de ter uma vitória política já no seu primeiro dia no cargo. Alguns dias depois de sua posse, Reagan convidou o presidente da Coreia do Sul, Chun Doo-Hwan para um encontro na Casa Branca, a fim de normalizar as relações entre os dois países. Segundo o *New York Times* na edição de número 44.846, a visita de Chun Doo-Hwan seria uma vitória tanto para a administração Reagan, que buscava o corte de gastos e precisava que seus aliados pelo mundo se comprometessem mais com aumento de despesas em defesa e no combate aos soviéticos, e a Doo-Hwan, que ao se encontrar com o presidente americano, seria legitimado em seu cargo, além de ajudar na sua campanha para as eleições de fevereiro de 1981. O periódico também levanta preocupação sobre a imagem dos Estados Unidos, ao lembrar da relação de Chun com o massacre em Gwangju⁹⁹, e da possibilidade de a visita contribuir com a eleição de Doo-Hwan. Evidenciamos, a partir da leitura desta edição do periódico de como a administração Reagan buscou se aproximar de Chun Doo-Hwan mesmo sabendo da origem do presidente e sua participação não só nas mortes em Gwangju em 1980, mas dos golpes de estado de 1979 e de maio de 1980. Reagan apenas continua a sequência de governos americanos que apoiam líderes sul-coreanos apesar das posições antidemocráticas e contra os direitos humanos, com a justificativa da preocupação pela estabilidade política e segurança contra a Coreia do Norte e o socialismo soviético.

No mesmo ano, os Estados Unidos ainda enfrentariam desafios internacionais, desafiando a nova era de agressividade contra o socialismo soviético. Nas Américas, o país suspendeu o envio de auxílio econômico a Nicarágua, que em 1981 era liderada por Daniel Ortega da Frente Sandinista de Libertação Nacional, um partido de esquerda. Ainda em 1981, a administração Reagan começou a apoiar grupos que lutavam contra os Sandinistas, enviando

⁹⁸ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 115.

⁹⁹ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 44.846, 01 de fevereiro de 1981.

“[...] In fact, Mr. Chun has seldom appeared publicly since May 1980, when his paratroops brutally suppressed peaceful demonstrations by the citizens of Kwangju.”

dinheiro e armamento¹⁰⁰. Já na Europa, houve a questão polonesa, quando depois de quase um ano de greves gerais organizadas pelo sindicato Solidariedade e uma grave crise econômica, o Partido Operário Unificado Polonês, que liderava o país, instituiu lei marcial. O governo de Reagan reagiu impondo sanções econômicas à Polônia e criticando a União Soviética¹⁰¹.

No ano seguinte, os Estados Unidos reforçaram sua posição de pressão aos soviéticos ao assinar uma lei que denunciava violações aos direitos humanos na União Soviética, e recomendava que a delegação americana na comissão de direitos humanos da Organização das Nações Unidas levasse o tema a uma das reuniões do órgão. Também houve a entrada da Espanha na OTAN, aumentando as fronteiras do bloco e a influência militar americana na Europa. A administração Reagan ainda enfrentou um desafio grave envolvendo dois de seus aliados: A Argentina, que era governada por uma junta militar desde um golpe de estado em 1976, decidiu por invadir as ilhas britânicas Falklands, Geórgia do Sul e Sanduíche do Sul, iniciando a Guerra das Malvinas¹⁰². Após pressão da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, os Estados Unidos se alinharam ao governo do Reino Unido, apoiando publicamente as ações de retomada das ilhas¹⁰³. A derrota argentina na guerra enfraqueceu o governo militar apoiado pelos americanos, levando a redemocratização do país em 1983.

Enquanto a administração Reagan tinha de lidar com desafios pelo mundo, a imagem dos Estados Unidos começava a entrar em crise na Coreia do Sul. Em março de 1982, um grupo de estudantes colocou fogo no Centro de Cultura Americano na cidade portuária de Busan. O incêndio representou um marco do sentimento antiamericano no país, e levou o *New York Times* a se referir ao episódio na sua edição de número 45.295 como a maior representação contrária aos Estados Unidos em mais de 100 anos de relações diplomáticas entre as duas nações¹⁰⁴. Fica

¹⁰⁰ WESTAD, Odd Arne. Defeating Détente. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 457.

"By late 1981 the United States had helped organize a counterrevolutionary force in Nicaragua, the so-called Contras, and was beginning to supply them with weapons and training. The immediate aim was to put pressure on the Sandinista government to stop its involvement in El Salvador, but soon the goal shifted to the overthrow of the Nicaraguan government itself."

¹⁰¹ HERRING, George C. "A Unique and Extraordinary Moment" - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 866-867

¹⁰² WESTAD, Odd Arne. European Portents. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 475.

"[...] It was a conflict that in the eyes of the rest of the world, at least, came out of nowhere. After the Argentinian military regime took over the British controlled islands of roughly 1,800 people in 1982, Thatcher sent a full British naval expedition eight thousand miles to reconquer them."

¹⁰³ WESTAD, Odd Arne. European Portents. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 457.

¹⁰⁴ **The New York Times**. Nova Iorque, nº 45.295, 26 de abril de 1982.

"For years as Pentagon spokesmen sought to justify defense budgets on Capitol Hill, they would point with pride to South Korea as the one country ever ready to accept American troops. Now with the burning of the American

clara a preocupação do periódico com a deterioração da imagem dos Estados Unidos junto a população coreana¹⁰⁵, e é levantada uma crítica a política externa americana, pontuando que o silêncio da administração Reagan frente as violações de direitos do governo de Chun Doo-Hwan e a constante preocupação de Washington sobre as condições das tropas estadunidenses na península, caracterizava egoísmo e contribuiria para o crescimento do antiamericanismo¹⁰⁶. Constatamos nesta edição os primeiros registros entre as tiragens analisadas do periódico em relação ao surgimento do sentimento antiamericanista na Coreia do Sul. Pontuamos isso ressaltando a importância que o massacre em Gwangju tem em desenvolver nos jovens sul-coreanos insatisfação com relação ao papel dos Estados Unidos na península coreana e a influência deste na política interna do país.

Em uma edição posterior, de número 45.366, o periódico reforça as críticas à política externa americana, condenando o histórico de apoio americano a sucessivos governos autoritários na Coreia¹⁰⁷, a falta de sensibilidade de diplomatas e enviados estadunidenses a região, que mostraram constantemente desprezo pelas pedidas populares por democratização e proteção dos direitos humanos¹⁰⁸, do envolvimento americano no massacre aos civis em Gwangju¹⁰⁹. Esses fatores, segundo o jornal, contribuíam para o crescente antiamericanismo na

Cultural Center in Pusan on March 18, the United States is confronted with anti-Americanism unparalleled in the 100 years since it opened diplomatic relations with Korea.”

¹⁰⁵ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 45.295, 26 de abril de 1982.

“The inevitable result, anti-Americanism, is also looming elsewhere in the Pacific.

¹⁰⁶ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 45.295, 26 de abril de 1982.

“Now that Washington is urging Seoul to increase its contribution to the living standards of American troops in South Korea, the State Department might well pause to think about where our policies are leading. Washington's concern for the welfare of our forces in South Korea, in contrast to our silence regarding South Koreans' rights, will come to be seen as yet another example of callous American selfinterest.”

¹⁰⁷ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 45.366, 06 de julho de 1982.

“Liberals in Korea, rightly or wrongly, had long looked to Washington to temper the authoritarianism of President Park Chung Hee and, before him, Syngman Rhee. Until the 1970's, American pressure assured at least a formal democratic facade with relative freedom of speech [...]. In 1972, however, President Nixon looked the other way as Mr. Park made himself President for Life, immeasurably strengthened the Korean Central Intelligence Agency and allowed the use of increasingly vile tortures against dissidents. [...] Mr. Carter vintage 1979, however, had given up applying human rights standards to Korea, and his widely publicized toasting of Mr. Park on his visit in June 1979, when he also tried to convert him to Christianity, deeply enraged dissidents. President Reagan's first foreign policy act was to invite Mr. Chun to visit Washington, but that simply continued the Carter trend.”

¹⁰⁸ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 45.366, 06 de julho de 1982.

“Our representatives in Seoul seem utterly insensitive to democratic demands. Ambassador Richard L. Walker recently referred to the dissidents as “spoiled brats,” while Gen. John A. Wickham Jr., commander of American forces, stated a while back: “Koreans are like field mice, they just follow whoever becomes their leader. Democracy is not an adequate system for Koreans. None of them understand the centrality of the Kwangju rebellion.”

¹⁰⁹ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 45.366, 06 de julho de 1982.

“Kwangju remains the touchstone of dissident and democratic politics. It made the suppression of Solidarity in Poland seem like child's play. Hundreds died (dissidents say thousands), and until the Government atones for the deaths there will be no peace. Here, too, the United States is involved: General Wickham released Korean troops under his command for use in Kwangju, the embassy refused dissident requests to mediate the conflict, and since then the United States has backed President Chun to the hilt.”

Coreia¹¹⁰, e levantava preocupações sobre o futuro para a imagem dos Estados Unidos na Coreia do Sul. Constatando a preocupação do periódico com a imagem dos Estados Unidos mostra que a tendência antiamericanista na Coreia do Sul era relevante, e que uma mudança de postura da administração Reagan em ligação a sua política para o país poderia significar um futuro positivo nas relações entre a República da Coreia e os Estados Unidos.

No fim de 1982, no mês de novembro, houve a morte de Leonid Brezhnev¹¹¹, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, que constantemente contribuiu para a manutenção da *detente* durante os governos de Nixon, Ford e Carter. Os Estados Unidos tiveram dificuldade em lidar com o novo líder, Yuri Andropov, já que pouco se sabia no ocidente sobre ele. A mudança de liderança na União Soviética não impediu os americanos de continuarem a escalada das tensões, e em março de 1983 o presidente Reagan deu um discurso chamando os rivais soviéticos de um “império do mal”¹¹². No mesmo mês, os estadunidenses revelaram a Iniciativa Estratégica de Defesa, um plano militar para construir um complexo de armas espaciais para defender o país no caso de um ataque nuclear¹¹³.

As tensões continuaram a crescer em setembro, quando a União Soviética abateu um avião de passageiros da Korean Air Lines que brevemente entrou em espaço aéreo soviético¹¹⁴. O governo soviético inicialmente acusou os Estados Unidos de usar a aeronave para a coleta de informações, o que foi refutado tanto pelos americanos quanto pela Coreia do Sul. A reação estadunidense foi vibrante, iniciando uma forte campanha antissoviética em resposta à tragédia, que começou com o apoio ao governo sul-coreano na busca por resquícios do avião e pelos corpos das vítimas. Os sul-coreanos fizeram uma série de exigências à União Soviética, entre elas, que permitisse o acesso a área onde o avião foi abatido para que se recuperasse a caixa-

¹¹⁰ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 45.366, 06 de julho de 1982.

“All this fed a growing anti-Americanism. Professors in Seoul say a majority of their students are now anti-American and many have become interested in radical third world ideologies. Some professors have had to curtail exchanges with Americans in fear of student protests. [...]”

¹¹¹ WESTAD, Odd Arne. European Portents. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 464.

¹¹² HERRING, George C. “A Unique and Extraordinary Moment” - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 866.

“This process began with Carter, of course, but Reagan went well beyond his predecessor, openly repudiating *detente* and reasserting the moral absolutes of the Cold War as no one had [...]. In a 1983 speech [...] he branded the Soviet Union “the evil empire” and accused it of being the “focus of evil in the modern world.””

¹¹³ HERRING, George C. “A Unique and Extraordinary Moment” - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 869.

¹¹⁴ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 117.

preta da aeronave, um pedido de desculpas formal e indenizações para as famílias¹¹⁵. Os soviéticos ignoraram as pedidas, e bloquearam a tentativa americana de, a partir do Conselho de Segurança das Nações Unidas, exigir que o secretário-geral das Nações Unidas produzisse uma investigação sobre o episódio. Estados Unidos, Japão e algumas nações europeias em retaliação, decidiram por bloquear voos para a União Soviética e, apenas em outubro de 1983 que os soviéticos admitiram publicamente terem abatido o avião por engano¹¹⁶.

O ano de 1983 ainda reservou para a Coreia do Sul mais um grande acontecimento. Enquanto o presidente Chun Doo-Hwan estava em uma visita oficial a Myanmar, sua comitiva sofreu um atentado a bomba, matando dezessete sul-coreanos e quatro mianmarenses¹¹⁷. Imediatamente, Doo-Hwan culpou a Coreia do Norte pelo episódio, e as forças armadas sul-coreanas entraram em alerta para uma provável retaliação. Os Estados Unidos denunciaram publicamente os norte-coreanos e mostraram apoio ao Sul, entretanto, não desejavam um conflito, e aconselharam o presidente Doo-Hwan que não punisse militarmente a Coreia do Norte. Além disso, os diplomatas americanos fizeram questão de salientar que o acordo militar entre Estados Unidos e Coreia do Sul era relativo à defesa, e o país não iria apoiar em um ataque ou invasão ao Norte. Por fim, uma investigação do governo de Myanmar revelou que foram norte-coreanos responsáveis pelo atentado¹¹⁸, mas o governo sul-coreano desistiu de uma retaliação militar.

Ainda no mesmo ano, em outubro, os Estados Unidos invadiram a ilha de Granada, no Caribe. Granada estava independente do Reino Unido desde 1974, e em 1979, o Movimento *New Jewel*, de cunho marxista-leninista, tomou o poder em um golpe de estado. Após o líder do movimento ser morto, o país passou a ser governado por uma ditadura militar, e a Organização dos Estados do Caribe Oriental emitiu um pedido formal de ajuda aos americanos, que decidiram por fim intervir militarmente¹¹⁹. Enquanto a ocupação na ilha de Granada

¹¹⁵ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 118.

¹¹⁶ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 119.

¹¹⁷ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 119.

“On the morning of October 9, 1983, a powerful bomb ripped through the Martyrs’ Mausoleum in Rangoon, Burma, which President Chun and his wife were scheduled to visit for a wreath-laying ceremony. They escaped this assassination plot only because a traffic jam had delayed their motorcade. The explosion, however, did kill seventeen South Koreans and four Burmese and wounded several dozen people who were waiting for Chun’s arrival at the mausoleum.”

¹¹⁸ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 120.

¹¹⁹ HERRING, George C. “A Unique and Extraordinary Moment” - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 888.

acontecia, os Estados Unidos participaram de um exercício militar da OTAN, chamado de *Able Archer 83*. Este exercício era um teste sobre os protocolos de guerra nuclear do bloco, e envolveram a simulação de um ataque nuclear. A União Soviética, sem saber de que se tratava de um exercício, e em um contexto de crescente tensão com os Estados Unidos, colocou suas forças em alerta máximo, e preparou suas armas para um potencial conflito¹²⁰, mas com o fim do teste em 11 de novembro, saiu do estado de alerta.

No mês de novembro, o presidente americano Ronald Reagan fez uma visita à Coreia do Sul¹²¹. Tendo em vista os acontecimentos do ano de 1983, e as antigas desconfianças sul-coreanas sobre o comprometimento dos Estados Unidos para a defesa do país, como cicatrizes da era Carter, a administração Reagan buscava assegurar os sul-coreanos da proximidade entre os dois países e da garantia de proteção vinda dos americanos. O *New York Times*, a poucos dias da visita de Reagan à Coreia, lembrou em sua edição de número 44.591, do apoio americano aos sucessivos governos ditatoriais do país¹²², e salientou a importância de uma mudança de postura que contribuísse para a redemocratização¹²³. A postura do *Times* nesta tiragem ressalta a preocupação compartilhada pelo periódico com a imagem dos Estados Unidos com a população sul-coreana, e como a influência que o governo americano tinha com a administração de Chun Doo-Hwan, caso houvesse uma mudança de postura dos estadunidenses, poderia ajudar o país asiático a iniciar o processo de redemocratização.

Em fevereiro de 1984, Yuri Andropov morre, e Konstantin Chernenko se torna o secretário-geral da União Soviética¹²⁴. O novo líder não trouxe uma grande mudança com

“Already nervous about a Cuba-Grenada-Nicaragua axis in the hemisphere, jittery U.S. officials were further alarmed in mid-October when extremists in the ruling party placed the government under house arrest and executed Bishop. [...] Thus on October 25, Reagan dispatched a seven-thousand-man force to [...] “restore democracy” on Grenada.”

¹²⁰ HERRING, George C. “A Unique and Extraordinary Moment” - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 861.

¹²¹ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 120.

¹²² *The New York Times*. Nova Iorque, nº 44.591, 21 de maio de 1980.

“Successive dictatorial rulers have taken full advantage of visits by American Presidents. They present the good will that Presidents show the Korean people as a sign of unqualified political support for their regimes.”

¹²³ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 44.591, 21 de maio de 1980.

“[...] We do not beg Washington to actively intervene on behalf of our struggle to restore democracy. But we do ask its moral support. That involves changing its foreign policy. We keep asking questions: If we cannot turn to America for the justice that it represents, where can we turn? Where else can we find the moral uprightness with which America has been so long identified?

People everywhere who suffer oppression ask these same questions. They are questions America must ask itself. The tone of America's response must be firm and consistent. We do not expect to hear well-chosen phrases of so-called quiet diplomacy but firm unchangeable, indestructible words. [...]”

¹²⁴ WESTAD, Odd Arne. Defeating Détente. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 465.

relação a postura frente aos Estados Unidos, mas seu período à frente do país ficou marcado por um acordo comercial com a China, com quem os soviéticos tinham uma relação complicada, e o boicote dos países do leste europeu as Olimpíadas de Verão de 1984, que foram realizadas em Los Angeles, como retaliação ao boicote dos países aliados dos estadunidenses às Olimpíadas de Moscou de 1980. Nos Estados Unidos, a emenda Boland foi passada pelo Congresso¹²⁵, que forçava o governo a limitar o apoio financeiro aos Contras, grupo que buscava derrubar o regime Sandinista na Nicarágua. Em maio de 1984, uma piada do presidente Reagan, que brincou sobre “nós bombardearemos em cinco minutos”, foi capturada pela imprensa estadunidense, e levou os soviéticos a elevarem o nível de alerta de suas tropas¹²⁶.

No fim do ano, o presidente Reagan enfrentou as eleições presidenciais contra o adversário democrata, o ex-vice-presidente Walter Mondale. Os Estados Unidos haviam se recuperado da crise econômica do início dos anos 1980, a inflação havia sido combatida e a economia crescia aceleradamente. Ao mesmo tempo, a aprovação de Reagan era alta, e sua campanha foi muito eficiente. Sendo assim, em 6 de novembro, Ronald Reagan foi reeleito presidente dos Estados Unidos¹²⁷ com a segunda maior vantagem da história das eleições americanas, o maior número de votos no colégio eleitoral e a segunda maior vantagem no voto popular.

No início de 1985, Reagan deu a partida de seu segundo mandato como presidente, estipulando os princípios da Doutrina Reagan para política externa, durante o discurso do estado da União, em fevereiro. Ficou estabelecido a estratégia americana para diminuir a influência da União Soviética pelo mundo, em especial, no chamado “Terceiro Mundo”. Para isso, os Estados Unidos iriam apoiar financeiramente e economicamente grupos de resistência ou guerrilhas que lutassem contra a expansão do comunismo¹²⁸.

Na Coreia, o início de 1985 ficou marcado pela realização de eleições legislativas, que mostraram o aumento do apoio aos grupos de oposição a Chun Doo-Hwan. Kim Dae-jung, um

¹²⁵ PATTERSON, James T. Carter, Reagan, and the rise of the right. In: PATTERSON, James T. **Restless Giant: The United States from Watergate to Bush v. Gore**, 2005, p. 127

“*In 1982, by which time word had leaked out about Reagan’s aid to the contras, the House passed an amendment, sponsored by Democratic congressman Edward Boland of Massachusetts, which prohibited the CIA and the Department of Defense from using funds to overthrow the Sandinistas. The Boland Amendment, as it was called [...].*”

¹²⁶ HERRING, George C. “A Unique and Extraordinary Moment” - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 866.

¹²⁷ PATTERSON, James T. “Morning again in America”. In: PATTERSON, James T. **Restless Giant: The United States from Watergate to Bush v. Gore**, 2005, p. 189.

¹²⁸ HERRING, George C. “A Unique and Extraordinary Moment” - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 881.

dos principais opositores do regime, voltou ao país depois de ter passado dois anos no exílio nos Estados Unidos, e logo foi posto em prisão domiciliar, da mesma forma que Kim Youngsam, outro grande opositor de Doo-Hwan. Chun visitou os Estados Unidos em abril de 1985, onde Reagan reafirmou os compromissos com a Coreia do Sul, e mostrou apoio ao país, que iria sediar os Jogos Asiáticos em 1986, e as Olimpíadas de Verão em 1988¹²⁹. Após a visita, o *New York Times*, na edição de número 46.395, retomou as críticas ao governo de Chun Doo-Hwan, salientando a opressão do regime, como um estado policial, e a falta de liberdade de imprensa¹³⁰. Mas, sobretudo, as críticas foram ao governo americano e a política estadunidense para a Coreia, julgando que o histórico de comprometimento dos americanos com regimes opressores, contribuía para o crescente antiamericanismo no país¹³¹. Constatamos ao analisar as edições do periódico, que ao não apoiar os movimentos democráticos da Coreia do Sul, os Estados Unidos estavam contribuindo para instabilidade política no país e problemas de segurança, algo que sempre esteve em foco das administrações americanas.

Após a morte de Konstantin Chernenko, Mikhail Gorbachev foi eleito como secretário-geral da União Soviética¹³². Gorbachev era um reformista, mais jovem que seus antecessores, que colocou como seus objetivos uma luta contra a corrupção. Era também claro, dada a situação delicada da economia soviética, que mudanças precisavam ser feitas, e Mikhail esperava poder cortar gastos especialmente no campo militar que, a muito tempo, drenavam grande parte do orçamento do país¹³³. O novo líder soviético queria também reduzir os gastos com o apoio a forças revolucionárias internacionais, mas tudo isso, sem diminuir a importância

¹²⁹ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 121.

¹³⁰ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 46.395, 30 de abril de 1985.

“[...] *The Government claims that it is seeking dialogue and reconciliation, but in fact its new appointments have increased military influence in the Cabinet and extended the degree to which Mr. Chun's staff and secret police are involved in political affairs. By any reasonable definition, South Korea remains a police state. Seoul is saturated with uniformed and plainclothes police. Strong-arm police tactics are used routinely against protesting students and workers. Strict controls have largely reduced the media to a propaganda tool of the Government.*”

¹³¹ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 46.395, 30 de abril de 1985.

“*Anti-Americanism, which has a long history in South Korea, is a growing ingredient in these demonstrations. [...]. South Koreans are grateful to the United States for defeating the Japanese and halting Communist aggression. Yet they remain suspicious of American motives and fear that American self-interest may again lead to the undermining of their security. Nationalism is flourishing in South Korea now, and an increasing number of people complain that American security interests dominate their country's military policy to their disadvantage, [...] and that America is merely exploiting South Korea in its effort to exert influence around the world. These are exaggerated accusations, but each contains some truth. [...]. To South Koreans, the American Government also appears to bend over backward to put the best interpretation on the actions of the Chun Government. At the same time, our diplomats seem to give the most cynical interpretations to the actions of the democratic opposition. [...]*”

¹³² WESTAD, Odd Arne. Gorbachev. In: WESTAD, Odd Arne. *The Cold War: A World History*, 2017, p. 489.

¹³³ WESTAD, Odd Arne. Gorbachev. In: WESTAD, Odd Arne. *The Cold War: A World History*, 2017, p. 492. “*Gorbachev understood from the very beginning of his tenure that the USSR needed to reduce its expenses in the arms race and in support for revolutionary movements abroad. But he wanted to do so in ways that did not reduce the international status of the Soviet Union or its position as a global Superpower.*”

e o poder soviético no cenário mundial. Em agosto de 1985, a União Soviética iniciou uma suspensão temporária nos testes nucleares e os Estados Unidos, por mais que não tenham acompanhado a suspensão, realizaram um convite a Gorbachev para um encontro em Genebra com o presidente Reagan. A Conferência de Genebra, que aconteceu em novembro de 1985¹³⁴, representou o primeiro encontro entre os líderes de Estados Unidos e União Soviética em seis anos, e abriu espaço para que mais duas conferências fossem realizadas posteriormente, também com enfoque na questão da corrida armamentista e das armas nucleares.

Em abril de 1986, uma boate em Berlin Ocidental sofreu um atentado a bomba, matando e ferindo diversas pessoas. Após o acontecimento, os Estados Unidos e a Alemanha Ocidental culparam a Líbia, país socialista liderado por Muammar Gaddafi, pelo ataque. O país tinha relações deterioradas com os estadunidenses, dado a posição agressiva contra Israel, e o apoio a organizações consideradas como terroristas por nações ocidentais. Como consequência, a administração Reagan, dias depois do atentado, conduziu uma série de bombardeios a Líbia¹³⁵. O ataque foi condenado por várias nações, incluindo com uma resolução pela Assembleia Geral das Nações Unidas. No mesmo mês, o quarto reator da Usina Nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, explodiu, causando o maior acidente nuclear da história¹³⁶. Após negar temporariamente qualquer problema, o acidente foi exposto pela comunidade internacional, e a União Soviética admitiu o acontecimento. Para lidar com o acidente, os soviéticos acabaram por gastar bilhões de rublos, prejudicando ainda mais a sua já enfraquecida economia.

Já na Coreia do Sul, 1986 ficou marcado como mais um ano na luta pela redemocratização. Em maio, foram organizados protestos em Gwangju, marcando 6 anos desde o Movimento de 1980, e a oposição e o partido governista se reuniram, buscando firmar um compromisso para o futuro político do país. Desde 1981, o governo de Chun Doo-Hwan fez pequenas concessões aos pedidos por abertura política, como encerrando o toque de recolher, permitindo diferentes partidos políticos participarem das eleições, libertando prisioneiros políticos e reestabelecendo direitos para dissidentes¹³⁷. Ainda assim, eram passos considerados pequenos para parte da população e para os grupos de oposição ao governo, que esperavam uma rápida passagem para a democracia. Os protestos de maio de 1986 levaram centenas às

¹³⁴ HERRING, George C. "A Unique and Extraordinary Moment" - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 897.

¹³⁵ HERRING, George C. "A Unique and Extraordinary Moment" - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 877.

¹³⁶ WESTAD, Odd Arne. Gorbachev. In: WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**, 2017, p. 499.

¹³⁷ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 122.

ruas de várias cidades da Coreia, e em Incheon, tiveram contornos violentos. Na sequência das manifestações, a administração Reagan enviou o secretário de estado George Shultz para Seul, onde se encontrou com lideranças do governo de Chun Doo-Hwan, e teceu comentários a favor de um caminho pacífico para a democracia, ainda que apoiando veementemente Chun. Com a pressão crescendo por parte da população, dos grupos de oposição e dos Estados Unidos, seu maior aliado, Doo-Hwan permitiu que a Assembleia Nacional começasse a discutir emendas constitucionais¹³⁸.

Para o *New York Times*, os protestos foram oportunidade para recordar do papel dos Estados Unidos na política interna sul-coreana, e no crescente antiamericanismo visto nas manifestações. Na edição 46.806 do periódico, salientamos a justificativa que é usada para a visão negativa em relação aos americanos, afirmando que seria uma soma de fatores, entre eles uma tensão econômica entre os dois países, e a proximidade com o governo de Chun Doo-Hwan¹³⁹. Além de ressaltar as diferentes formas que os sul-coreanos estavam adotando para demonstrar sua insatisfação, o jornal fez questão de lembrar dos fatores históricos que contribuíam para o antiamericanismo, sendo o Massacre de Gwangju considerado o principal deles¹⁴⁰. Entendemos a partir disso, que o envolvimento estadunidense na resposta do governo sul-coreano aos protestos de maio de 1980, e a proximidade histórica entre os americanos e as ditaduras coreanas, estava prejudicando a imagem positiva que os Estados Unidos tinham junto a população geral desde a Guerra da Coreia.

O periódico ainda iria contribuir sobre o debate do antiamericanismo, oferecendo em outras edições, opções que poderiam ser tomadas pela administração Reagan para lidar com a situação sul-coreana. Reforçando a proximidade do governo estadunidense com Chun Doo-Hwan¹⁴¹, o jornal vai afirmar, na edição 46.815, que é importante passar a apoiar o movimento

¹³⁸ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 122.

“Under mounting pressure from the Reagan administration and opposition forces, President Chun agreed to let the National Assembly consider the issue of constitutional amendments in 1986. The National Assembly set up a Special Committee on Constitutional Revision, but it remained inoperative due to partisan disputes.”

¹³⁹ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 46.806, 06 de junho de 1986.

“Diplomats, Government officials and opposition politicians say they believe most Koreans still regard the United States with gratitude and friendship, a view borne out by contacts with ordinary Koreans. But they say antagonism to the United States is growing, fed by a mixture of economic tensions, pride in South Korea's accomplishments and a belief that the United States is too close to the Government of President Chun Doo Hwan.”

¹⁴⁰ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 46.806, 06 de junho de 1986.

“As the major source of anti-Americanism, the protesters blame the United States for not preventing a military coup that brought President Chun to power, and for what they see as United States complicity in the clash in 1980 between Government soldiers and demonstrators in the southern city of Kwangju. The official death toll is 198, although opposition estimates are several times higher.”

¹⁴¹ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 46.815, 24 de junho de 1986.

“Mr. Chun's opponents were recently buoyed by the prospect of support from Washington after the fall of the Marcos dictatorship in the Philippines. Their exuberance, however, died quickly, because the Administration has

de democratização, garantindo a Coreia do Sul o direito de escolher seu líder¹⁴². Os Estados Unidos teriam um papel essencial ao mostrar apoio às eleições diretas para presidente, e que a democracia traria novamente respeito e confiança dos sul-coreanos aos estadunidenses¹⁴³. Em outra edição, de número 46.960, o *New York Times* desconstrói o argumento de que a Coreia do Norte ofereceria um risco à segurança que justificasse as violações de direitos humanos e governos ditatoriais do Sul, afirmando que a continuidade do autoritarismo no país poderia gerar instabilidade, e neste cenário, um problema de segurança com o Norte¹⁴⁴. A edição também aponta para a proximidade histórica dos Estados Unidos com os diferentes líderes autoritários sul-coreanos, justificava o sentimento crescente no país, de que os estadunidenses não se preocupavam com democracia¹⁴⁵. Ao analisarmos estas tiragens do *New York Times*, também fica claro a intensão do periódico em mostrar a importância dos Estados Unidos para o futuro político da Coreia do Sul. A democracia para os sul-coreanos poderia ser atingida com o apoio dos estadunidenses, desde que esses mudassem o curso de sua política externa, e mostrassem apoio aos movimentos que lutavam pela redemocratização.

Enquanto os Estados Unidos se mantinham firmes no apoio ao governo de Chun Doo-Hwan na Coreia do Sul sob o argumento da estabilidade, da segurança e da contenção do

continued to back the South Korean dictatorship while shunning the democratic opposition. This shortsighted approach has only encouraged extremism, with students and workers urging increasingly radical responses.”

¹⁴² *The New York Times*. Nova Iorque, nº 46.815, 24 de junho de 1986.

“South Korea is a nation struggling to escape from the present with no clear vision of the future. The United States has an important role to play in that future. It should show unequivocal support for direct elections of a president with the power to govern.”

¹⁴³ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 46.815, 24 de junho de 1986.

“Given the right to choose their own leader, the South Korean people, unabashedly yearning for freedom and self-respect, will form a responsive government that will tolerate political differences in a pluralistic society. A nation that has been so successful in economic development should do equally well in political development. This will help promote not only unity and democracy in South Korea but also restore respect and trust for the United States.”

¹⁴⁴ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 46.960, 16 de novembro de 1986.

“The South Korean Government has convinced many Americans that the menace facing South Korea comes from a possible invasion or subversion of the South by the Communist North. This, the Government feels, justifies its harsh rule and disregard for human rights. But it has its reasoning backward. Under present conditions, the North would not be foolhardy enough to take on the South, especially in light of the American tripwire of ground forces and air bases in South Korea. [...] A northern invasion of the South has little credibility and northern subversion even less. [...] The immediate danger for South Korea is not external, but internal. The people are enraged at the suppression of genuine democratic rule and the trampling of their human rights. Their rising unrest could bring stern military suppression, which might then produce open revolt. A South Korea in turmoil could invite invasion from the North. Domestic misrule, therefore, is an area of immediate danger. Invasion by the North would only be its dangerous byproduct.”

¹⁴⁵ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 46.960, 16 de novembro de 1986.

“In its concentration on the Communist military menace around the world, the United States has been little concerned with internal conditions in South Korea - just as it long ignored the troubling signs in the Philippines of Ferdinand E. Marcos. Americans have been content to tolerate and even embrace South Korea's military dictatorships, which were merely decked out in some of the trappings of democracy. It should come as no surprise that many South Koreans are convinced that the United States favors military dictatorship over democracy.”

comunismo, no campo global, as relações com a União Soviética voltaram a melhorar no fim de 1986. Em outubro, o presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan e o secretário-geral da União Soviética Mikail Gorbachev, se reuniram na cidade de Reykjavík na Islândia¹⁴⁶. Assuntos como direitos humanos, tratamento de dissidentes e a invasão soviética do Afeganistão foram debatidos, mas conferência teve como pauta principal a corrida armamentista e as armas nucleares, com foco na Iniciativa Estratégica de Defesa dos americanos, que representava uma grande preocupação para os soviéticos. No fim, nenhum acordo foi costurado entre as duas superpotências, mas as bases para a limitação da produção e desenvolvimento de armas nucleares foram lançadas.

Internamente, a administração Reagan enfrentou uma grave crise política em novembro de 1986, no chamado caso Irã-Contras. Foi revelado pela mídia que o governo estadunidense havia realizado desde 1981, vendas de armas ao Irã, e utilizado o dinheiro oriundo das transações para financiar os Contras que lutavam contra o governo Sandinista na Nicarágua. A justificativa inicial usada pelo governo americano foi a de que as negociações se iniciaram com o propósito de melhorar as relações com o Irã, mas no fim, conforme mais detalhes da operação foram ficando públicos, o presidente Reagan foi forçado a admitir que as vendas também se tratou de trocas por reféns, fazendo referência ao caso dos estadunidenses sequestrados pelo grupo libanês *Hezbollah*, que tinha ligações com o governo iraniano¹⁴⁷. A crise política causada pelo caso Irã-Contras fez a aprovação da administração Reagan com a população americana, cair vertiginosamente. A instabilidade se estendeu durante o início de 1987, enquanto o Congresso dos Estados Unidos fazia investigações sobre as ações do governo.

Instabilidade não era uma exclusividade americana nos primeiros meses de 1987, já que na Coreia do Sul, depois de meses de debate entre governo e oposição na Assembleia Nacional acerca de emendas constitucionais e mudanças nas eleições, não haviam produzido resultados. Em abril de 1987, Chun Doo-Hwan, se aproveitando da improdutividade da Assembleia Nacional, suspendeu os debates para a aprovação de emendas à constituição e anunciou que as

¹⁴⁶ HERRING, George C. “A Unique and Extraordinary Moment” - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 897.

¹⁴⁷ PATTERSON, James T. America and the world in the 1980s. In: PATTERSON, James T. **Restless Giant: The United States from Watergate to Bush v. Gore**, p. 211.

“All these elaborate and devious arrangements literally crashed in October 1986, when an American cargo plane carrying arms to the contras was shot down over Nicaragua. The crash killed three Americans, but one was captured. By early November, newspapers and magazines in Iran and Lebanon were reporting the essence of the Iran-contra story. Shultz and Vice President Bush, remembering how Nixon’s cover-up had ruined him, urged Reagan to admit that the United States had been trading arms for hostages.”

eleições presidenciais ao fim de seu mandato seriam indiretas¹⁴⁸. A decisão causou fúria entre opositores, grupos sociais e membros da sociedade civil, que viram mais uma vez o sonho da redemocratização ser atrasado. Para agravar a situação, foi revelada a tortura e morte de um estudante universitário, chamado de Park Jong-cheol, nas mãos das forças policiais. A morte de Park causou indignação na população sul-coreana, movimentando mais pessoas para os protestos que ocorreriam em junho.

Em 10 de junho de 1987, Roh Tae-woo, aliado do presidente Chun Doo-Hwan, foi escolhido pelo partido do governo para ser o candidato nas eleições indiretas a presidente. Nas semanas seguintes, os protestos movimentaram muitas pessoas, pedindo por eleições diretas à presidência, com críticas ao regime ditatorial de Chun e a figura de Tae-woo, aumentando a pressão sobre o governo¹⁴⁹. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos se movimentaram a partir do departamento de estado, para impedir que o presidente Chun decretasse lei marcial, utilizasse das forças armadas para atacar os manifestantes, ou ocorresse um golpe militar¹⁵⁰. A partir da presença de Gaston Sigur, enviado departamento de estado para a Ásia e de uma carta do presidente Reagan à Chun Doo-Hwan, os americanos conseguiram, junto com a demonstração popular, convencer o governo a não tomar medidas drásticas. A pressão do povo e dos Estados Unidos acabou levando Roh Tae-woo, em 29 de junho, a anunciar uma lista de recomendações a serem seguidas pelo governo para resolver a crise. Entre os principais pontos da lista, estava a realização de eleições diretas para presidente em dezembro, a libertação de prisioneiros políticos, entre eles Kim Dae-jung, famoso opositor do governo¹⁵¹. No dia 1º de julho, Chun Doo-Hwan anunciou que iria aceitar as recomendações feitas por Tae-woo, significando que não só os protestos de junho haviam produzido resultados, mas que a Coreia do Sul pela primeira vez em mais de uma década, teria uma eleição livre para a liderança do país.

Mesmo com a participação dos Estados Unidos no processo que levou as recomendações de Tae-woo, segundo o *New York Times*, o sentimento antiamericanista se manteve entre os sul-coreanos. Na edição de número 47.198 do periódico, se busca compreender

¹⁴⁸ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 123.

“On April 13, President Chun took advantage of the disarray in opposition circles and suspended any further negotiations over the constitution. He announced that the next president would be elected indirectly by an electoral college and that negotiations for constitutional amendments would resume after the Seoul Olympic Games scheduled for September and October 1988.”

¹⁴⁹ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 123.

¹⁵⁰ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 123-124.

¹⁵¹ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 126-127.

as raízes do problema, e um dos argumentos usados, é a de que a população do país estava cada vez mais jovem, e que o contato não era mais com a imagem de um Estados Unidos que havia apoiado a Coreia do Sul na Guerra da Coreia, mas sim os Estados Unidos que apoiou sucessivos regimes autoritários no país¹⁵². Os acontecimentos de Gwangju também são lembrados, mostrando a importância do evento na construção do sentimento antiamericanista entre os sul-coreanos.¹⁵³ Examinando esta edição do jornal, ressaltamos a importância que o massacre em Gwangju de 1980 tinha no crescente antiamericanismo que se estabelecia junto a população sul-coreana. Além disso, salientamos a relevância que o próprio Movimento tinha entre os jovens, que era a faixa etária que mais se envolvia em protestos contra o governo de Chun Doo-Hwan, mostrando a relevância constante do evento.

Em outra edição, a de número 47.268, o jornal critica a posição do governo Reagan em convidar Roh Tae-woo para uma visita a Casa Branca. Usando o antiamericanismo como argumento, o jornal pontua que o gesto ficaria lembrado como um sinal de apoio a campanha de Tae-woo¹⁵⁴, que tinha sua origem política no governo de Chun Doo-Hwan, rejeitado pelos sul-coreanos. Seria mais uma demonstração, de acordo com a publicação, da relação próxima dos Estados Unidos com a ditadura militar coreana¹⁵⁵. Constatamos novamente a partir da leitura do periódico em como a proximidade dos governos estadunidenses ajudaram a minar a imagem do país na Coreia do Sul, e como a forma com que a administração Reagan se comportou no trato do sucessor de Chun Doo-Hwan justifica a insatisfação da população sul-coreana.

¹⁵² *The New York Times*. Nova Iorque, nº 47.198, 12 de julho de 1987.

“The roots of the anti-Americanism are partly explained by demographic changes. This is a country in which 63 percent of the people are 30 or younger. Their view of the United States is shaped not by the memory of American help during the Korean War, but by Washington’s long association with what many of the young people regard as the main enemy: their own Government.”

¹⁵³ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 47.198, 12 de julho de 1987.

“Anti-Americanism has grown enormously since 1980, when the United States was widely accused of complicity in a massacre of hundreds of opponents of the Government. While American officials conceded that they granted permission for Korean troops under nominal United States control to put down an insurrection in Kwangju, they said they pleaded for restraint. But there was no restraint and the “Kwangju incident” has shaded Korean politics and attitudes toward the United States ever since.”

¹⁵⁴ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 47.268, 20 de setembro de 1987.

“President Reagan’s meeting at the White House with Roh Tae Woo, chairman of South Korea’s ruling Democratic Justice Party and a presidential candidate, is yet another example of the United States shooting itself in the foot in South Korea. It is hardly news any longer that anti-Americanism is rising in that country, and the meeting between Mr. Reagan and Mr. Roh is certain to fuel such sentiment. Despite the White House’s denial that the meeting implied any kind of endorsement of Mr. Roh, South Koreans will generally regard the meeting as exactly that and it will be widely resented.”

¹⁵⁵ *The New York Times*. Nova Iorque, nº 47.268, 20 de setembro de 1987.

“For the more radical elements in South Korea who comprise the vanguard of the anti-American movement, the meeting will be further evidence of American neo-colonialism in action. It will be seen as a renewal, in the wake of a successful antigovernment democratic movement, of a long-standing dark bond between American imperialism and the South Korean military dictatorship that saw its most infamous hour in the Kwangju incident of May 1980, in which hundreds of protesters were killed.”

Nos Estados Unidos, o foco continuava sendo a União Soviética, e o presidente Reagan acabou por deixar isso muito claro quando visitou Berlin Ocidental em junho de 1987. Ao fazer um discurso próximo ao Portão de Brandemburgo, o líder estadunidense desafiou os soviéticos a derrubarem o muro de Berlim¹⁵⁶, o que causou uma resposta forte e indignação por parte da União Soviética. Ainda que as relações entre as duas nações enfrentassem altos e baixos, entre os dias 8 e 10 de dezembro de 1987, Mikail Gorbachev e Ronald Reagan se encontraram em Washington para mais uma conferência. Como resultado desta reunião, os dois líderes assinaram o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário, um marco importante pelo fim da corrida armamentista e da proliferação de armas nucleares¹⁵⁷.

Na Coreia, o clima era pesado nas semanas que antecederam as eleições de dezembro de 1987. Foram registrados diversos relatos sobre a possibilidade da intervenção do exército nas eleições para impedir a eleição de opositores, ou até de uma tentativa de Chun Doo-Hwan permanecer mais tempo no cargo. Os Estados Unidos alertaram contra qualquer tentativa de intervir ou afetar o processo eleitoral¹⁵⁸, tentando se manter o mais distante possível da disputa. No campo político, os antigos opositores que haviam se tornado aliados na busca pela democracia, retornaram a rivalizar. Kim Dae-jung e Kim Young Sam, que por toda a década de 1980 foram as duas principais figuras de oposição ao regime de Chun Doo-Hwan, não conseguiram costurar um acordo, e depois da decisão de Young Sam em lançar sua própria candidatura à presidência, Dae-jung criou um partido novo com seus apoiadores, também se anunciando candidato¹⁵⁹. Roh Tae-woo, como candidato do governo, se aproveitou do cenário de divisão da oposição, e, com a explosão de um voo da Korean Air Lines em 29 de novembro

¹⁵⁶ HERRING, George C. "A Unique and Extraordinary Moment" - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 898.

"In the last year of Reagan's presidency, there was growing talk of an end to the Cold War. The old rhetoric occasionally resurfaced, as when the president thundered at Berlin's Brandenburg Gate in June 1987, "Mr. Gorbachev, tear down this wall!"—a ringing statement designed to palliate his conservative critics and challenge the Soviet leader to take even more dramatic steps."

¹⁵⁷ HERRING, George C. "A Unique and Extraordinary Moment" - Gorbachev, Reagan, Bush, and the End of the Cold War, 1981–1991. In: HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**, 2008, p. 897.

"Desperate for success and persuaded by physicist Andrei Sakharov that SDI would not work and in any event might be a bluff, Gorbachev subsequently isolated the INF issue and the two sides carved out a major agreement. For the first time, they agreed on reducing the number of nuclear weapons in their arsenals, the Soviets giving up 1,836 missiles, the United States 859."

¹⁵⁸ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 127.

"The Reagan administration wanted to make sure that the intensifying maneuvers for the presidential election would not ignite another political crisis in South Korea and that there was no possibility of military disruption of democratic processes."

¹⁵⁹ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. 2006. pg. 128.

por agentes da Coreia do Norte, o apoio ao governista cresceu. No dia 16 de dezembro de 1987, a Coreia do Sul realizou suas primeiras eleições presidenciais desde 1971, e as primeiras *de facto* livres desde 1960. O apoio a Roh Tae-woo e a divisão da oposição refletiram no dia da eleição, e o candidato governista foi eleito com 35,9% dos votos¹⁶⁰.

A eleição de 1987 representou uma vitória da luta do povo sul-coreano que, ao longo das décadas da existência de seu país desde 1945, sofreu com sucessivos golpes de estado e governos autoritários. A eleição de Roh Tae-woo, ainda que tivesse laços estreitos com Chun Doo-Hwan, logo se mostrou uma ruptura, quando diversas leis foram repelidas e novas emendas constitucionais foram aprovadas, para afastar o passado autoritário e ditatorial do país. No demais, o Movimento Democrático de Gwangju, ferida profunda do passado sul-coreano, ainda não iria ser cicatrizado com essa eleição, levando mais de uma década para que os responsáveis pelo massacre dos civis pudessem ser responsabilizados.

Os acontecimentos em maio de 1980 em Gwangju marcaram a história contemporânea da Coreia do Sul e todo o seu processo de redemocratização. O Movimento está incorporado a conjuntura mais ampla da Guerra Fria, em que os Estados Unidos interferiram na política de países aliados para suprimir a influência da União Soviética. A partir da análise do periódico *The New York Times*, pudemos notar que a relação próxima dos estadunidenses com os vários governos ditatoriais sul-coreanos que controlaram a República da Coreia desde 1945, e a conivência do país na morte violenta de centenas nas ruas de Gwangju em 1980, acabou por desgastar a imagem do país junto ao povo da Coreia do Sul. Depois de mais de duas décadas de opressão, em 1987, as primeiras eleições livres foram realizadas na República da Coreia, aos pedidos da oposição do governo de Chun Doo-Hwan e da população sul-coreana, que não se esqueceu dos mortos e dos ideais do Movimento Democrático de Gwangju.

¹⁶⁰ CHAE-JIN, Lee. *The Passing of the Cold War*. In: *A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas*. 2006. pg. 128-129.

“*The split in opposition circles did in fact result in Roh’s electoral victory, in which he received 35.9% of the popular vote on December 16, 1987. The remaining popular votes were shared by Kim Young Sam (27.5%), Kim Dae Jung (26.5%), and Kim Jong Pil (7.8%).*”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento Democrático de Gwangju foi um evento importantíssimo, que marcou os anos 1980 e a história da democracia na República da Coreia. O massacre estava inserido no contexto mais amplo da Guerra Fria, onde os Estados Unidos usaram de sua influência no campo da política externa para influenciar nações aliadas - como no caso da Coreia do Sul - no seu combate e controle da influência soviética pelo mundo. Como vimos a partir das análises do periódico *The New York Times*, nos anos 1980, as décadas de proximidade do governo estadunidense com os sucessivos líderes autoritários sul-coreanos e sua cumplicidade com o massacre de civis em Gwangju, corroeu a imagem do país com a população da República da Coreia. Em 1987, após anos de pressão da oposição e com forte mobilização da sociedade civil, ainda afetada pelos acontecimentos de maio de 1980, o governo de Chun Doo-Hwan cedeu, e o país iniciou o processo de redemocratização, com a realização das primeiras eleições livres em mais de duas décadas.

Consideramos que, após a conclusão deste trabalho, houve uma contribuição acadêmica para os estudos de História em língua portuguesa sobre Estados Unidos e, em especial, sobre a República da Coreia, devido a lacuna de estudos sobre a relação dos dois países no Brasil. Contribuímos também para uma melhor compreensão sobre a relação complexa entre as duas nações, que por vezes pode ser simplificada se analisada de forma preconceituosa ou rasa. Ressaltamos também a importância deste trabalho na manutenção da memória do Movimento Democrático de Gwangju, onde dezenas de pessoas morreram lutando pela democracia em seu país, com sua relevância singular na história contemporânea da Coreia do Sul.

No entanto, mesmo com nossas contribuições, devemos salientar a importância de continuar aprofundando pesquisas sobre estes assuntos, em especial o Movimento Democrático. Seria oportuno uma investigação sobre a forma com que os periódicos sul-coreanos trataram o massacre de Gwangju em suas edições no período do evento. Também destacamos a possibilidade de acentuar investigações sobre a Guerra Fria, e o papel dos Estados Unidos na política interna da República da Coreia de 1945 até 1991.

FONTES

Periódicos estadunidenses de 1980 até 1987. Fontes encontradas através do sítio <http://www.timesmachine.nytimes.com/>:

The New York Times (Nova Iorque, 1980-1987).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BYUNG-KOOK, Kim; VOGEL, Ezra F. (Org.). **The Park Chung Hee Era: The Transformation of South Korea**. Reino Unido, 2011.
- CHAE-JIN, Lee. **A Troubled Peace: U.S. Policy and the Two Koreas**. Estados Unidos, 2006.
- CUMINGS, Bruce. **Korea's Place in the Sun: A Modern History**. Estados Unidos, 2005.
- DALL'ACQUA, Fernando. Crescimento e estabilização na Coreia do Sul, 1950 – 1986. **Revista Brasileira de Economia**. São Paulo, 1991, p. 109-111.
- FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). **O Século XX: O tempo das crises: Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro, 2000.
- FOWLER, H. James. The United States and South Korea democratization. **Political Science Quarterly**. Estados Unidos, 1999, pg. 265-288.
- HERRING, George C. **From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776**. Estados Unidos, 2008.
- HYUNJI, Lee. **The Gwangju Uprising: A Movement, A Memory, A Myth of modern South Korea**. Estados Unidos, 2012.
- JAE-EUI, Lee (Org.). **Kwangju Diary: Beyond Death, Beyond the Darkness of the Age**. Estados Unidos, 2017, 1994.
- KARNAL, Leandro (Org.). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo, 2011.
- LEE, Samsung. Kwangju and America in perspective. **Asian Perspective**. pg. 69-121. Estados Unidos, 1988.
- PATTERSON, James T. **Restless Giant: The United States from Watergate to Bush v. Gore**. Estados Unidos, 2005.
- PEDERSON, Jay P. The New York Times Company. **International Directory of Company Histories**. vol. 133. St. James Press. Estados Unidos, 2012.
- PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, 2006.
- REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. São Paulo, 2003.
- SOONG HOOM, Kil; CHUNG-IN, Moon (org.). **Understanding Korean Politics**. Estados Unidos, 2001.
- STUECK, William. **The Korean War: An International History**. Estados Unidos, 1995.

TENNEY, Warren John. U.S. Responses to the Tiananmen and Kwangju incidents: American relations with China and Korea. **Journal of Northeast Asian studies**. pg. 58-76. Estados Unidos, 1992.

WESTAD, Odd Arne. **The Cold War: A World History**. Estados Unidos, 2017.